

Epistemologias *“Gauchas”*

1



*Atitudes cognitivas:
o arquétipo “Gaúcho”*

Luiz Antônio Bogo Chies





Asunción.

Paraguay

La Provincia entabola
la Bandera Tricolor.

29-V-1816.



provincia a
de Rosales
1815.

San Carlos

16-JUL-1815

San José

ORIENTALES

Brasil

Rosales
24-IV-20

El Director de la Patena
Juan
Y. Rosales de la Libertad
2-1-1818

16-VII-1816

1814

Provincia de
Buenos Aires

De la China
23-VI-1815.

Provincia de Entre Ríos
a Rosales
de 1815
a la Bandera Tricolor

ORIENTALES

La Provincia Oriental
entabola
la Bandera Tricolor.

El Jefe de provincia a
Rosales
Provincia de los Rios del Plata
22-V-1817

Buenos Aires
30-IV-1815

Provincia de
Rosales
y Benavente
1815

la Plata



Océano

Atlántico

Epistemologias “Gauchas” - Volume 1

*Atitudes cognitivas:
o arquétipo “Gaúcho”*

Luiz Antônio Bogo Chies

*BogoChies Editor
Adentro e Através
Pelotas, RS
2021*

Adentro e Através



BogoChies Editor
Selo Editorial: Adentro e Através
<https://bogochies.wixsite.com/meusite>
E-mail: bogochies@gmail.com

Editor/ Produção editorial e gráfica:
Luiz Antônio Bogo Chies

Revisão:
Helena Gervini Chies

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chies, Luiz Antônio Bogo

Atitudes cognitivas [livro eletrônico] : o
arquétipo "gaucho" : epistemologias "gauchas" :
volume 1 / Luiz Antônio Bogo Chies. -- Pelotas, RS :
Ed. do Autor, 2021.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-19835-5

1. Arquétipo 2. Epistemologia 3. Rio Grande do Sul
(RS) I. Título.

21-60645

CDD-301.01

Índices para catálogo sistemático:

1. Epistemologia da sociologia 301.01

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Foto da Capa: Mateando com Segundo Ramirez (Autor desconhecido, 1936). Segundo Ramirez inspirou o personagem *Don Segundo Sombra*, da novela de Ricardo Güiraldes. Foto original: Archivo General de la Nación Argentina AGN_DDF/ Caja 2898, inv: 271958
Foto da Contra-capa: Tropeada (Autor e data desconhecidos).



Sumário

5

Introdução

11

O Gaucho

21

O Pampa

29

Moral Gaucha?!

39

Gaucho e Pampa: atitudes cognitivas

57

Arquétipo Gaucho: considerações finais

Referências bibliográficas 65

Índice Onomástico 69

Índice Remissivo 71

Introdução

Eu estava lendo *Don Segundo Sombra*, publicado em 1926 pelo argentino Ricardo Güiraldes (2011), e a experiência de participar de uma primeira tropeada⁽¹⁾, como descrita na obra, remetia-me, a todo o momento, à experiência de ingressar no mundo da pesquisa científica nas instituições acadêmicas: novatos, ousados e intrépidos, terão que se defrontar – quase que num ritual de passagem – com ambientes e práticas exigentes, que mesclam aridez e fertilidade.

Esta instigação confluiu com outra que há algum tempo me ocupava. Vitor Ramil, cantor, compositor e escritor, nascido na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul – como eu – desenvolveu, já na transição da década de 1980 para a de 1990, sua *Estética do Frio* (1992; 2004).

Sob a referência dessa grade estética, permito-me compreender que os escritos e músicas de Ramil nos conduzem a elaborar que suas matrizes – frio; pampa; gaúcho – são generativas de imagens, sentimentos e sensações que, manejadas pelo artista, resultam em obras que podem explicitar elementos estéticos fomentados por cada matriz e amplificados e traduzíveis, a partir das sete propriedades que elenca, pelos sentimentos, sensações e imagens que induzem.

Minha reflexão sugeria que era possível e promissor elaborar, sob a inspiração da *Estética do Frio*, uma Epistemologia do Frio, a qual também seria beneficiada pelos sete princípios: rigor, profundidade, clareza, concisão, pureza, leveza e melancolia.

Ou seja, novamente a arte, relacionando-se e se referenciando em elementos geográficos, climáticos e socio-culturais típicos e peculiares do sul da América do Sul, levava-me a pensar sobre questões epistemológicas e metodológicas características da área científico-acadêmica.

(1) “**TROPEAR** (BRAS) *Tr,dir.* - Conduzir, levar adiante uma tropa, pelos campos ou através de uma estrada (AM, SL) [voc. us. c/PLAT: *tropear* (DESU, NDUR, NVCR, PVRC, VCOR.)].” (SCHELEE, 2019, p. 892)

Com certeza isso obedecia a uma tendência daqueles que têm o campo acadêmico como espaço cotidiano de ação. Sou professor e pesquisador na Universidade Católica de Pelotas há mais de 25 anos. Oriente discentes em nível de graduação e pós-graduação. Vivo, portanto, constantemente desafiado não só pelas exigências – epistemológicas e metodológicas – de minhas próprias pesquisas, mas, também, das pesquisas daqueles que oriento, muitos dos quais enfrentando a sua primeira “tropeada” científico-acadêmica.

Veio a pandemia Covid-19 e o isolamento social. Circunstâncias que, por vias inesperadas, favoreceram uma imersão em leituras que permitiram estimular as reflexões instigadas.

O primeiro resultado foi a compreensão de que para se avançar rumo a uma Epistemologia do Frio, as posturas, ou predisposições para atividades cognitivas, daquele que seria seu agente humano deveriam ser garimpadas e escrutinadas.

Essa demanda conduziu, de forma indeclinável neste contexto geográfico, geopolítico, histórico e contemporâneo, ao *Gaúcho* (em sua grafia e vocalização hispânica; preferência que explicarei adiante): homem campeiro, especializado nas lides pastoris, que teve existência histórica em territórios argentinos, brasileiros e uruguaios (o Pampa) no decorrer dos séculos XVIII e XIX, associando sua sobrevivência às atividades de exploração das riquezas do gado.

Da garimpagem e escrutínio emergiu o Arquétipo *Gaúcho*, tema central deste ensaio. Outros projetos estão encaminhados e deverão seguir esse texto.

Devo advertir, entretanto, que estes escritos são, e serão, em boa parte, um atestado do princípio socioecológico da ação: “uma ação se define não tanto em relação às suas intenções, mas sobretudo em relação à sua derivação” (MORIN, 2007, p. 152).

Ou seja: os textos tratam de reflexões sobre posturas e práticas para a cognição científica que me foram instigadas, em muitos casos, por escritos ou obras que originalmente não se relacionam – ou que inicialmente não se supõe estarem relacionadas – com a perspectiva epistemológica ou metodológica da produção do conhecimento científico. Acaso em relação a estas instigações a intenção do(a) autor(a) tenha sido a elaboração de uma estética, a narrativa literária, um relato de viagem ou outra similar, elas, em mim – pesquisador e orientador na formação de

pesquisadores – suscitaram, por derivação decorrente de minhas próprias demandas de curiosidade e necessidades epistemológicas e metodológicas, reflexões que julguei útil registrar.

É advertência importante o fato de que não sou epistemólogo, sociólogo da ciência ou do conhecimento, ou mesmo possuo expertise acadêmica formal em metodologia da pesquisa. Considero-me um pesquisador – sobretudo da Questão Penitenciária – que, fruto de uma formação pluridisciplinar um tanto quanto inusitada, a qual busquei trabalhar de forma inter e transdisciplinar (da agropecuária à sociologia, passando pelo direito, pelo jornalismo e pela ciência política), exigiu-se pensar em estratégias e posturas cognitivas potentes tanto para qualificar as suas próprias investigações, como para manter, em cenários adversos, a dimensão desejante e encantadora da cognição científica na perspectiva de resultados humano-dignificantes, em especial no campo – tão marginalizado e segregado – ao qual com prioridade me dediquei.

Assim, permito-me iniciar de forma muito análoga a qual vou terminar. As Epistemologias *Gaúchas* – para além das relações aqui realizadas – têm a expectativa de abrir um amplo campo de reflexões para atitudes cognitivas a serem assumidas, exercitadas e desenvolvidas. Mas isso é tema para reflexões posteriores. As de agora já cumprem seu objetivo epistemológico: criar um horizonte no qual, mesmo que seja difícil encontrar onde fixar o olhar, saibamos que existem sutilezas a serem buscadas.

Advertências quanto a traduções e referenciamento de citações:

- a) Todas as citações de obras consultadas em espanhol receberam tradução livre do autor.
- b) Citações de obras acessadas através do dispositivo Kindle, conforme indicadas nas referências bibliográficas, tiveram sua localização no texto consultado referenciadas a partir do critério “posição” e não “paginação”.

(...) voltamos a cair em nosso ritmo contido e obstinado:
Caminhar, caminhar, caminhar.
(Ricardo Güiraldes, *Don Segundo Sombra*)

O Gaucho

“GAÚCHO (BRAS) *S.m.* - Homem campeiro, especializado nas lides pastoris; e destro na utilização do cavalo e de outros recursos próprios da vida rural (BH, DS, JH, JV, AM, SL, FP, RG, IP, EV)” (SCHLEE, 2019, p. 473).

Apresentar esta primeira acepção da palavra Gaúcho (ou *Gaucho*, como preferimos, em sua grafia e vocalização hispânica; preferência que explicaremos adiante), no rigor e na concisão de substantivo masculino, bem como na elaboração de dicionarista que, como indicam as abreviaturas subsequentes, utiliza como fonte importantes autores de uma literatura associada aos territórios nos quais esse homem campeiro surgiu e agiu (argentinos, brasileiros e uruguaios), é significativo e estratégico ponto de partida para identifica-lo como arquétipo de atitudes cognitivas.

Ocorre que nos imaginários construídos sobre o(s) *Gaucho(s)*, passados e contemporâneos, pesam tantas adjetivações que emergem inúmeros estereótipos e idealizações (depreciativas ou ufanistas). Assumir qualquer delas, sem alguma reflexividade, conduziria a somarmos apenas mais uma caricatura à lista das já existentes.

É necessário que se dialogue com tais imaginários, que se enfrentem alguns desafios impostos por eles, mas com vigilância epistemológica permanente, sobretudo para nos afastarmos das armadilhas das ideologizações do gauchismo ou das meras romantizações da sua existência.

Seguindo e complementando nosso ponto de partida e estratégia, é possível estabelecer alguns consensos acerca do(s) *Gaucho(s)*:

a) “Homem campeiro, especializado nas lides pastoris” (SCHLEE, 2019, p. 473);

b) sua emergência e sua existência históricas vinculadas a um território e a modos de produção peculiares:

b.1 – Quanto ao território, este é o Pampa: um bioma que na América do Sul se estende “por uma área de aproximadamente 750 mil km², compartilhada por Brasil, Uruguai e Argentina” (MMA, 2020).

Mas, para além de um bioma, esse território – por um complexo de ações humanas nos processos de colonização – converteu-se numa fonte de riqueza e de disputas políticas e econômicas entre os séculos XVII e XIX. O historiador Jaime Cortesão (1954) o denominou de “Território de Sacramento”, em alusão à Colônia de Sacramento, fundada em 1680 pela Coroa Portuguesa, em frente à espanhola Buenos Aires, na desembocadura do Rio da Prata, área estratégica para as ações coloniais. Sua abordagem nos oferece dados satisfatórios para reconhecer os aspectos geográficos e político-econômicos envolvidos:

[a] região de que nos estamos ocupando era constituída pelas chamadas vacarias do Uruguai ou do Mar, que se estendiam desde o Rio Uruguai até à costa atlântica, desde a margem setentrional do estuário platino até às vacarias dos Pinhais, cêrca dos limites entre os atuais Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Terra de ninguém, foi disputada durante quase dois séculos pelos Padres da Província do Paraguai e, mais particularmente dos chamados Sete Povos, pelos portugueses da Colônia, da Laguna e do Rio Grande de São Pedro, e pelos espanhóis de Buenos Aires, Montevidéu, Santa Fé e Corrientes. (CORTESÃO, 1954, pp. 135-136)

Um território de fronteiras, como chama a atenção o historiador uruguaio Fernando O. Assunção (2011). Fronteira meridional dos domínios portugueses, em constante tensão de avanço e conquista aos territórios espanhóis; áreas também de ação de grupos de diferentes províncias do hispânico Vice-Reino do Prata e, igualmente, de populações originárias (indígenas); além do seu outro extremo, o Deserto e as fronteiras do Deserto: territórios pampeanos e patagônicos ao sul da província de Buenos Aires sobre os quais – sobretudo ao longo do século XIX – ocorreram insistentes investidas de conquista em relação aos povos originários que neles habitavam.

A presença *Gaucha* nesse processo de conquista do Deserto é relevante e não menos complexa do que toda a própria existência histórica de tal elemento humano e social.

Abrangência geográfica do Pampa



Fonte: Wikimedia

b.2 – quanto aos modos de produção, estes estiveram vinculados às riquezas que o gado, especialmente o bovino, pode oferecer.

Num primeiro período, em relação às manadas selvagens que compunham as chamadas vacarias do Uruguai ou do Mar, quando a atividade principal pode ser descrita como a vaqueria: “na época colonial, matança de gado, praticada a céu aberto, para a extração de couro e graxa. // Criação de gado selvagem a campo aberto” (SCHLEE, 2019, p. 917).

Posteriormente, através de práticas que acompanharam a gradual sofisticação de manejos pastoris e pecuários. O rodeio: “Ajuntamento de gado, em campo aberto, feito antigamente para apartar, contar, examinar, marcar e tratar os animais” (SCHLEE, 2019, p. 797); e o tropear: “Conduzir, levar adiante uma tropa, pelos campos ou através de uma estrada” (SCHELEE, 2019, p. 892); são exemplos de práticas associadas a esse período.

Há, por fim, uma outra atividade – não de estrito caráter econômico-produtivo, ainda que neste não deixe de impactar – à qual o *Gaúcho* se vincula: a guerra. Forma através da qual se desenvolveu e se constituiu a geopolítica sul-americana e da qual nenhuma das populações desses territórios pode escapar.

Não obstante a inegável importância da condição de soldado do *Gaúcho* para a compreensão de sua história, este *status* não altera perspectivas para a identificação de um arquétipo de posturas cognitivas: nesse sentido, tudo o que levou para a guerra – habilidades, armamentos, modos e valores de vida etc. – já possuía antes; tudo o que trouxe dela não modificou a condição como homem, trabalhador, grupo ou classe social.

c) sua temporalidade histórica, como tipo humano e social de referência, está concentrada nos séculos XVIII e XIX, enquanto perduraram configurações arcaicas/tradicionais (de nenhuma, ou pouca, sofisticações tecnológicas) de exploração das riquezas advindas do gado.

Não se trata de desconsiderar que no século XX, ou mesmo na atualidade, existiram ou existem verdadeiro(s) “Homem(ns) campeiro(s), especializado[s] nas lides pastoris; e destro[s] na utilização do cavalo e de outros recursos próprios da vida rural” (SCHLEE, 2019, p. 473), seja na Argentina, no Uruguai ou no Rio Grande do Sul/Brasil. Significa dizer que estes já não

vivem sob as mesmas condições do tipo humano e social de referência, bem como que muitos já estão menos referenciados no que entendemos como o arquétipo, mas sim mais nas representações do imaginário social que lhes foi ou é contemporâneo(2).

d) Sua posição social marginalizada ou subalternizada:

Ao longo do século XVIII alguns termos passaram a ser utilizados para se referir àqueles que, à margem e em prejuízo do que seriam os interesses das elites econômicas e políticas, acessavam os recursos disponibilizados pelas manadas de gado selvagem existentes no território.

Em 1726, conforme o *Diccionario de Español de América*, “aparece o termo ‘changador’ e, em 1746, aparece o termo ‘gaudério” (*Apud* BRANCO, 2014, p. 1269)(3). O termo *Gaúcho*, segundo a mesma fonte, aparece em 1771. E, “em 1787, data o desprestígio do ‘gaúcho’, divulgado em jornal” (*Apud* BRANCO, 2014, p. 1269).

O historiador argentino Ricardo Molas corrobora a data de 1771 para o aparecimento documentado do termo *Gaúcho*. E complementa:

Fica estabelecido, pois, que o termo *gaúcho* recém se aplica na segunda metade do século XVIII para designar a um grupo humano bem definido. O testemunho mais antigo está datado em 1771 na Banda Oriental [Uruguai] associado a insubmissos que as autoridades perseguem e controlam. (1982, p. 73)

(2) Fernando O. Assunção (2011), historiador uruguaio, propõe dois grandes períodos *Gaúchos*: o primeiro associado às vaquerias em relação ao gado selvagem; o segundo – na primeira metade do século XIX – vinculado às guerras de independência dos emergentes estados sul-americanos. Para ele, o período charqueador, que se inicia em fins do século XVIII e perdura ao longo do XIX, em relação às atividades campeiras será mais o começo de um distanciamento e declínio da matriz *Gaúcha*, do que de sua própria permanência.

(3) “**CHANGADOR** (PLAT) *S.m.* e *adj.* – O mesmo que → changueiro. // DES: uma das denominações dadas aos →coureadores, →gaudérios e gaúchos coloniais. AME: *changador* (DEDA, DESU, NVCR, VRDG). 1 HIST: desde o início do séc. XVIII, a partir de 1730, foram chamados de changadores todos os que se dedicavam livremente no pampa a capturar e matar animais vacuns ou cavaleares para sacar-lhes o couro e deles tirar proveito.” (SCHLEE, 2019, p. 232)

“**GAUDÉRIO** (BRAS) *Adj.* - Diz-se de indivíduo extraviado, sem rumo, sem destino. (...) (...) || *S.m.* - Até o séc. XVIII era o mesmo que gaúcho – homem vago, errante, ocioso – citado entre “*los ladroncitos coloniales*” (AD, SL, FP, EV) [voc.us. como PLAT, na função de *S.m.*: *gauderio* (DESU. VRDG, NDUR)].” (SCHLEE, 2019, p. 475)

Assunção (2011) realiza importante análise da origem e da utilização histórica do termo, reforçando o que aqui nos é relevante, ou seja, um consenso de que inicialmente é atribuidor de traços de desordem, insubmissão e ilicitude ao comportamento daqueles aos quais se referia. O *Gaúcho* original não é bem visto pelo *status quo* que lhe é contemporâneo; ele está à margem da ordem social e se considera que atua em prejuízo dela.

As graduais transformações nas práticas de exploração das riquezas do gado bovino – das vaquerias aos rodeios em campos ainda não cercados; desses aos pastoreios; e, posteriormente, às técnicas e aos manejos pecuários, passando pela constante necessidade de movimentação de manadas e rebanhos (as tropeadas) – permitiram, por parte dos formalmente proprietários, a valorização das habilidades que os *Gaúchos*, antes desordeiros e insubmissos, demonstravam possuir com superior destreza.

O *Gaúcho* é, assim, paulatinamente recepcionado com algum valor na dinâmica do modo de produção ganadeiro da região, seja como contratado eventual para a prestação de serviços – o rodeio, a tropeada, a doma de cavaleiros –, seja, por fim, como empregado da estância(4).

Há um último movimento na assimilação do *Gaúcho* ao âmbito da oficial e estatal ordem social. A obra *Don Segundo Sombra*, publicada em 1926 pelo argentino Ricardo Güiraldes (2011), é representativa para a compreensão desse movimento.

A novela narra a trajetória daquele que, ao final, saberemos se chamar Fábio Cáceres. De início o texto nos permite supor sua bastardia e nos demonstra sua falta de perspectivas num contexto social arcaico.

O jovem, na idade de 14 anos, dá uma guinada em sua vida para seguir *Don Segundo Sombra*, homem e personagem que sintetiza todos os atributos valiosos de um campeiro, especializado nas lides pastoris.

(4) “**ESTÂNCIA** (BRAS) *S.f.* - Fazenda. Estabelecimento rural destinado à criação de gado (BH, DS, JH, PA, AD, JV, AM, SL, AJ, DA, RG, FP, FE, CM). Típica da região pampeana do Rio Grande do Sul, a estância tem extensão de, no mínimo, mil hectares, com construções e instalações adequadas para a criação extensiva de gado – bovino, ovino e equino. [voc. também us. c/PLAT: *estancia* (DESU, NDUR, NVCR, VCOR, VRDG)].” (SCHLEE, 2019, p. 399)

A saga de Fábio, que envolve anos na companhia de *Don Segundo Sombra*, oportuniza sua formação em diferentes situações típicas para um *Gaúcho* argentino em fins do século XIX e início do XX: a tropeada, o rodeio, a doma, as festividades e diversões do povo.

É de notar que ao longo de toda a narrativa da formação campeira de Fábio, ao lado de *Don Segundo Sombra*, o autor praticamente não utiliza termo *Gaúcho* para se referir aqueles personagens.

Não obstante, uma frase que antecede a partida de Fábio em sua primeira tropeada demarca significativamente a diferença entre aquilo que sua saga o transformará como algo superior à mera posição de empregado de estância.

Olhando seus companheiros, ele – que é o narrador – reflete: “De peões de estância tinham passado a homens do pampa. Tinha alma de tropeiros, que é ter alma de horizonte” (GÜIRALDES, 2011, p. 61).

Ao final da obra o termo *Gaúcho* passará a ser usado em abundância. Fábio é surpreendido pela confirmação de sua condição bastarda e por uma herança em terras e gado (é filho de um grande proprietário). Percebe que seu modo de vida e o sentido de suas relações sociais estão ameaçados. Questiona e se contrapõe a sua mudança de *status*: “E isso quer dizer que já não sou um gaúcho, não é verdade?” (GÜIRALDES, 2011, p. 255).

Na narrativa do dilema enfrentado o uso frequente do termo demonstra o trabalho de ressignificação do mesmo na época do autor. Por um lado se mantêm oposições como elite/*Gaúchos*, riqueza/pobreza, por outro se busca nas qualidades e valores que agora Fábio possui, depois de ser formado pelo idealizado *Gaúcho Don Segundo Sombra*, aquilo que é necessário para, então, poder desempenhar seu novo papel social, agora na elite.

De ambos os extremos da hierarquização social Fábio é, por fim, apaziguado. *Don Segundo Sombra*, a quem chama de padrinho, diz: “se és gaúcho às deveras, não hás de mudar, porque dondequera que vás, irás com tua alma por diante, como madrinha de tropilha(5)” (GÜIRALDES, 2011, p. 255). Já o estan-

(5) “**MADRINHA** (BRAS) *S.f.* – (...) (...) // Égua-madrinha. Aquela que é seleccionada e preparada para comandar uma tropilha ou quadrilha de cavalos, (RG) de maneira que a seguem sem se afastar, em marchas ou nos proteiros. 1 COST: dependurado em seu pescoço, põe-se na égua-madrinha um cinorro, cujo badalar não só permite a fácil identificação dela como leva os demais a se reunirem em torno e a segui-la no rumo desejado e determinado.” (SCHLEE, 2019, p. 600)

ceiro Dom Leandro Galván, agora seu tutor por força do testamento paterno, sentencia uma nova visão: “Já correste mundo, te fizeste homem; e melhor que homem, gaúcho. Aquele que sabe dos males desta terra por haver-los vivido, se há temperado para domá-los...” (GÜIRALDES, 2011, p. 259).

Gaúcho: melhor que homem e apto a domar a desordem que são os males desta terra.

Esta abordagem da novela de Güiraldes não pretende inserir uma imagem idealizada e romantizada do *Gaúcho* em nosso horizonte de análise acerca do arquétipo que ele nos pode oferecer. Pelo contrário, representa um ponto marcante das armadilhas decorrentes das mais contemporâneas construções sociais e de imaginários acerca do *Gaúcho*: o risco de sua captura instrumental por interesses alheios à sua própria trajetória.

e) Por fim, seu capital, que não é econômico no sentido de dinheiro, propriedades ou rendas, está centrado na sua pessoa e na destreza no desempenho de suas atividades em relação à exploração das riquezas advindas da vaqueria, do rodeio, do pastoreio etc...

Muito mais do que o já exposto seria interessante refletir sobre o *Gaúcho* e suas relações com as estruturas sociais, econômicas e políticas da região: sua militarização (não raras vezes forçada) nas disputas de fronteiras entre as Coroas de Portugal e Espanha, ou mesmo nos conflitos da época de formação dos Estados pós-independência, por exemplo; ou mesmo sua condição de classe social, como sugerem historiadores como Molas (1982). Sem desprezar esses temas, mas buscando manter a vigilância epistemológica que nos permita identificar o arquétipo *Gaúcho* no que se refere a atitudes cognitivas, voltaremos oportunamente a alguns desses aspectos na medida em que forem contributivos para nosso objetivo e não só para fins de idealização ou caricaturização.

O que já desenvolvemos, portanto, permite-nos sintetizar o *Gaúcho* referencial de nossas reflexões com base naquilo que entendemos compatível com concisão e rigor em relação aos consensos históricos.

Trata-se do homem campeiro, especializado nas lides pastoris, que teve existência histórica em territórios argentinos, brasileiros e uruguaiois (o Pampa) no decorrer dos séculos XVIII e XIX, associando sua sobrevivência – sempre marginalizada ou subalternizada pela ordem social dominante – às atividades de exploração das riquezas do gado, e que, para fins de sua valoriza-

ção e reconhecimento social, contou quase que somente – como capital – com sua destreza no manejo dos instrumentos, práticas e técnicas que possuía e desenvolvia, bem como com o conhecimento acumulado acerca daquilo que lhe era de imediata pertinência: o território, a natureza e o gado.

O Pampa

Natureza, modos de produção e de hierarquização social confluíram para as peculiaridades *Gauchas*. O Pampa – que, como mencionado, é antes um bioma do que um território econômico, político e social – é o espaço no qual o *Gaúcho* se constituiu e com o qual se relaciona. Assunção (2011) elabora, em significativo detalhamento, como este ambiente, por suas características de flora, fauna e povos originários, favoreceu se tornar palco da emergência *Gaúcha* após a introdução do gado vacum e cavalari.

Como bioma, também patrimônio social e cultural, a página on-line do Ministério do Meio Ambiente, oferece-nos as seguintes informações:

As paisagens naturais do Pampa são variadas, de serras a planícies, de morros rupestres a coxilhas. O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. As paisagens naturais do Pampa se caracterizam pelo predomínio dos campos nativos, mas há também a presença de matas ciliares, matas de encosta, matas de pau-ferro, formações arbustivas, butiazais, banhados, afloramentos rochosos, etc.

(...)(...)

Trata-se de um patrimônio natural, genético e cultural de importância nacional e global. Também é no Pampa que fica a maior parte do aquífero Guarani.

Desde a colonização ibérica, a pecuária extensiva sobre os campos nativos tem sido a principal atividade econômica da região. Além de proporcionar resultados econômicos importantes, tem permitido a conservação dos campos e ensejado o desenvolvimento de uma cultura mestiça singular, de caráter transnacional representada pela figura do gaúcho.

(...)(...)

Na América do Sul, os campos e pampas se estendem por uma área de aproximadamente 750 mil km², compartilhada por Brasil, Uruguai e Argentina.

No Brasil, o bioma Pampa está restrito ao Rio Grande do Sul, onde ocupa 178.243 km² – o que corresponde a 63% do território estadual e a 2,07% do território nacional.

O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. Em sua paisagem predominam os campos, entremeados por capões de mata, matas ciliares e banhados.

A estrutura da vegetação dos campos – se comparada à das florestas e das savanas – é mais simples e menos exuberante, mas não menos relevante do ponto de vista da biodiversidade e dos serviços ambientais. (...) (MMA, 2020, s.p)

A palavra Pampa, como registra Arsène Isabelle⁽⁶⁾ em seu relato de viagem (2006), “vem do *quíchua* (língua dos Incas) [e] significa *praça, terreno plano, grande planície, savana, etc. (llanura ou llanos dos espanhóis)*” (2006, p. 90).

E é com a perspectiva das planícies, das planuras, que o termo é usado, pois que estas predominam em comparação aos outros relevos e paisagens do bioma, sobretudo quanto mais ao sul.

Mas o que se pode dizer do Pampa para que se torne tão importante em nossas propostas epistemológicas e de atitudes cognitivas?

Deixemos que primeiro falem os viajantes, pois o estranhamento dos estrangeiros do século XIX poderá nos aguçar percepções.

Isabelle (2006), na década de 1830, aproxima-se da vila de Quilmes (hoje uma cidade argentina distante cerca de 20 quilômetros do centro de Buenos Aires) e nos projeta para adiante:

Depois disso, só tereis planícies desertas até os Andes, se ides ao Chile, ou até o rio Colorado se tiverdes vontade de ir medir os habitantes da Patagônia. De longe em longe, só vereis cabanas miseráveis, que aparecem como balizas de um mar cheio de perigos, e reinará um total silêncio em torno dessas pobres habitações, que ficareis surpreendidos ao ver sair do seu interior uma figura humana. Não notareis o mínimo vestígio de trabalho agrícola, nenhuma árvore, nenhuma moita, mas somente horizontes imensos, sombrios e tristes, animados, por acaso, aqui e ali, pela passagem de um avestruz ou o galope de um *gaúcho*, que vai agrupando os animais dispersos pela seca ou pelas incursões dos índios. (2006, p. 89)

(6) Arsène Isabelle, comerciante além de naturalista francês, residiu primeiro em Buenos Aires e depois se radicou em Montevideú. Na obra “Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul” (2006), relata observações sobre Argentina, Uruguai e Brasil no período de 1830 a 1834.

E sentencia: “Estareis nos *Pampas*... e vos garanto que haveis de esporear vosso cavalo para sair dali o mais depressa possível” (2006, p. 90).

Isabelle não sugere nenhuma admiração pelo Pampa ao sul de Buenos Aires (ainda que por ele tenha desejado viajar, sem ter ido muito além de Quilmes). Mas, cotejando sua descrição com a de outros narradores, bem como que nele localiza o *Gaúcho*, não está – para aquele momento histórico – tão equivocado assim, mesmo que com seus preconceitos.

William MacCann, negociante inglês que em 1847 chega aos pontos fronteiriços da Província de Buenos Aires com os territórios indígenas do Deserto (Tandil, Azul e Talpaqué; cidades atualmente distantes entre 350 e 275 quilômetros da capital), escreve:

À medida que avançávamos por esta extensão tão selvagem, sentia-me impressionado por sua solidão e melancolia: nem rochas, nem uma colina, nem uma árvore alternavam a monótona e murcha planície, onde não se via habitação humana por várias milhas ao redor. (2020, p. 56)

Mais adiante, noutro registro:

E, entretanto, durante várias semanas viajando por estas vastas planuras escassamente povoadas, havia encontrado as mais gentis acolhidas em todos os lugares, sem distinção de raças ou classes, fosse o índio carente, o pobre homem do campo ou o fazendeiro rico. (2020, p. 61)

O inglês, além de confirmar as planuras como principal característica do relevo dos territórios pampeanos e reconhecer os efeitos de melancolia e solidão que podem provocar aos que neles transitam, menciona os tipos humanos e sociais que nele – ainda que escassamente – habitam: o índio; o pobre homem do campo; e, o fazendeiro rico. Atribui a todos um caráter de hospitalidade, mas que a leitura completa da obra permite significar como, também, camaradagem. Termo que no contexto remete à capacidade de compartilhar ou dispor de seus bens por solidariedade: seja um espaço para dormir; uma refeição; ou um cavalo para seguir viagem.

E, para que não fiquemos apenas no território argentino, escutemos Auguste de Saint-Hilaire, naturalista francês que, entre 1820 e 1821 (de junho a junho), realizou um périplo terrestre pelas províncias de São Pedro do Rio Grande do Sul e Cisplatina⁽⁷⁾. Seu percurso envolveu regiões da costa atlântica,

(7) Com a denominação de Província Cisplatina o atual território do Uruguai esteve sob domínio, primeiro português, depois do Império do Brasil, por aproximadamente 10 anos, entre 1817 (conforme os critérios utilizados) e 1828, quando se tornou independente.

dos litorais dos rios da Prata e Uruguai e, por fim, o interior da província sul-rio-grandense. Seus registros, no aspecto aqui focalizado, são mais metódicos e objetivos.

Ainda próximo a Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul: “Continua a mesma planície, sem a menor ondulação de terreno, com muito poucos capões”(8) (SAINT-HILAIRE, 2012, p. 80).

Rumando para a fronteira sul da província: “Apesar da igualdade do terreno, o aspecto do campo, onde pastam grande número de cavalos e bois, nada tem de monótono” (SAINT-HILAIRE, 2012, p. 132); contudo, alguns dias mais tarde: “Depois que deixei o Rio Grande, não cessou de soprar um vento cortante e muito forte; hoje, sobretudo, o tempo está desagradável e o panorama dos campos mostra-se em harmonia com a tristeza do tempo” (SAINT-HILAIRE, 2012, p. 141).

Antes de ingressar na província Cisplatina (Uruguai), ao menos mais quatro anotações sobre a planície como relevo e paisagem: “Até agora atravessamos planícies sempre uniformes, sem a mais leve ondulação do terreno, e unicamente animadas pela presença do gado que nela pasta” (SAINT-HILAIRE, 2012, p. 149); já tendo passado Montevidéu e prosseguido pelo litoral do Rio da Prata: “Desde Montevidéu até aqui, a região apresenta uma planície imensa, com pequenas elevações e pastagens a perder de vista” (SAINT-HILAIRE, 2012, p. 214).

Seria enfadonho e redundante mencionar cada anotação de Saint-Hilaire, as quais prosseguem em diferentes pontos de ambas as províncias no trajeto da viagem, via de regra enfatizando a uniformidade do relevo, por vezes identificando ondulações e coxilhas(9).

Importa-nos através desses relatos – aos quais inúmeros outros poderiam ser somados – apresentar e reconhecer o Pampa (bioma, relevo, clima, território) como o contexto de um tipo humano e social que com ele se relaciona, interage e se

(8) “**CAPÃO** (BRAS) *S.m.* - Porção de mato isolado no meio do campo (PA, AD, JV, AF, AM, DA, FP, IP, EV).” (SCHELLE, 2019, p. 200)

(9) “**COXILHA** (BRAS) *S.f.* - Colina de pouca elevação, geralmente coberta apenas de pasto, característica das planícies onduladas do pampa platino e sul-rio-grandense (AL, PA, AD, JV, AF, SL, AJ, DA, FP, FE, CM, IP, EV). // FIG *Pl.*: o campo, a campanha (SL) [voc. nestas acep. us. c/ PLAT] AME: *cuchilla* (NDUR, NVCR, PVRC)]. 1 OBS: reconhece-se que, por se tratar de um voc. originário do ESP PLAT, a forma *cochilha* seria preferível à registrada nos dicionários desde 1943.” (SCHELLE, 2019, pp. 270-271)

constitui até poder ser considerado um **homem-espaço**, síntese “para refletir este, naquele”, o *Gaúcho*, como propõe Assunção (2011, p. 513).

O Pampa (*La Pampa*, para os de idioma Espanhol) nesse sentido é, em essência, vastidão de regularidades e de informações; exige atenção de quem nele transita para a percepção de indícios e rastros, bem como é o acúmulo de experiências nele – viagens e estadias em seus territórios – que favorece o conhecimento de seus marcos e sutilezas.

Güiraldes (2011), através de seus personagens na novela *Don Segundo Sombra*, alerta: “No pampa as impressões são rápidas, arrebatadoras⁽¹⁰⁾, e logo se esfumam na amplidão do ambiente, sem deixar rastro” (2011, p. 73). E não raramente os relatos dos viajantes, aos quais temos recorrido, alegam que nas paisagens não se encontram pontos nos quais fixar o olhar!

Monotonia – que por vezes só se quebra com o gado pastando no campo –, melancolia – pois que com sua indiferença pouco a pouco traga os que nele transitam (GÜIRALDES, 2011) –, tristezas de paisagens e condições climáticas – o frio e o vento, mais intensos em algumas estações do ano –, efeitos do Pampa que impactam os que a ele são estranhos, mas que o *Gaúcho* permite manejar na síntese de homem-espaço, arquétipo de atitudes cognitivas.

O aspecto demográfico, como escassez populacional, é outra dimensão pampeana a ser destacada.

Para o período pré-colonial, Assunção (2011) demonstra que a relação entre natureza e cultura dos povos originários explica os vazios populacionais:

O estado cultural dos povos nativos justifica amplamente sua exiguidade numérica em tão vasto e aparentemente fértil e benigno território, mas em realidade escasso de produtos alimentares naturais. De fato, tratavam-se de grupos tribais – não verdadeiras nações –, de caçadores-coletores, ou seja, predadores por excelência do habitat, pelo qual transitavam de forma nômade, como corredores das planícies e destruidores da escassa flora utilizável como alimento (coleta) e da fauna (caça e pesca), devendo se mover periodicamente à medida que determinada porção do território se esgotava. Cada homem precisava, então, de um enorme, desproporcional espaço territorial para sobreviver. (...)(...)

(10) No original, Güiraldes utiliza o termo “espasmódicas”.

Seus deslocamentos são grandes no espaço, o número de seus integrantes relativamente reduzido, natural, pois, sua belicosidade já que se trata de defender, de todas as formas e com todas as forças, seus direitos sobre os poucos bens naturais de que desfrutam. (2011, p. 590)

Desta primeira condição também se favoreceram os projetos e ações coloniais, os modos de exploração econômica desenvolvidos e implantados para usufruir das riquezas das manadas de gado, e a própria emergência *Gaucha*. O Pampa, por séculos, permaneceu espaço escassamente povoado (algo que ainda hoje se faz sentir), impactando, por esta característica, aqueles que nele habitam.

Da parte dos espanhóis a ocupação do Pampa é um gradual avanço, já no decorrer do século XVI, a partir de Assunção (atual Paraguai), de onde provêm os fundadores de cidades como Santa Fé, Buenos Aires (segunda fundação) e San Juan de Vera de las Siete Corrientes, erigidas respectivamente em 1573, 1580 e 1588 (BARRIERA, 2013, p. 35).

Por parte dos portugueses, os movimentos incluem tanto as Bandeiras da primeira metade do século XVII, expedições para fins de escravização de indígenas que se confrontam com as Missões Jesuíticas (desencadeadas na região com mais efetividade a partir de 1609), como os confrontos que se estabelecem entre lusos e espanhóis a partir da fundação, por parte de Portugal em 1680, de Colônia de Sacramento, em frente a Buenos Aires, “com a intenção de consolidar uma posição geoestratégica fundamental para o controle do Rio da Prata” (AMEGHINO; BIROCCO, 1998, p. 33).

As disputas pelos territórios entre as duas Coroas Ibéricas e o manear das fronteiras – que se estenderão por mais de 150 anos após a fundação de Colônia de Sacramento – trazem como consequência uma constante militarização das próprias populações civis destes espaços produzindo, por ambos os lados, fundações de praças fortificadas, tais como a espanhola Montevideu, em 1724, e as portuguesas Rio Grande e São Miguel, em 1737 (CORTESÃO, 1954; FUCÉ, 2017).

Do lado espanhol a fundação de cidades implicava o repartimento de terras entre aqueles se tornavam *vecinos*(11), o

(11) Optamos por não traduzir o termo *vecino*, pois, em especial para o período colonial, trata-se de um *status* político específico na relação de um indivíduo e a “cidade” a qual está vinculado, o qual não é compartilhado, necessariamente, por todos os habitantes.

que dava origem a um grupo proprietário de terras e de direitos de exploração das mesmas(12). Do lado de Portugal – que avançava sobre o Pampa em muito através do desrespeito de tratados de limites que assinava – a estratégia foi a concessão sesmarias(13) (via de regra) àqueles que contribuíram para a conquista dos territórios e que, então, através desta ocupação atuariam na sua manutenção e controle.

Para *Vecinos* e Sesmeiros, frente a uma economia que lhes trazia riqueza através da vaqueria, o acesso a grandes extensões de terra, na condição de proprietários e detentores de direitos, era condição a ser exercida com pretensão de exclusividade. Disponibilizar terras a muitos lhes reduzia as perspectivas dos ganhos econômicos.

Mesmo quando os modos de acesso legal à terra se modificaram – em ambos os lados e em diferentes períodos – a gênese e manutenção de latifúndios foi favorecida. Os custos para a aquisição da terra eram suportáveis apenas para os já afortunados. E, ainda que a fase das vaquerias desse lugar a gradual sofisticação de manejos pastoris e pecuários, a grandeza da Estância era a garantia dos lucros.

O Pampa se constituiu historicamente como um território de latifúndios e grandes Estâncias. Para o Uruguai e para a Província de Buenos Aires a imagem do *terrateniente ausentista* – proprietário “que confia a exploração [da Estância] a um capataz enquanto ele reside onde tem as verdadeiras fontes de sua riqueza: a cidade” (BARRÁN; NAHUM, 2010, p. 87) – é significativa. No Rio Grande do Sul o ausentismo do proprietário pode ser menos intenso, mas não deixa de seguir uma lógica que repercute naquele que, aqui, mais nos interessa: o *Gaúcho*.

Molas (1956; 1982) permite-nos assumir o quanto uma adequada percepção do *Gaúcho* necessita levar em consideração os contextos sociais e econômicos que, ao longo dos séculos XVIII e XIX, foram o palco do nascimento/uso das

(12) Para o caso de Montevideu José Pedro Barrán e Benjamín Nahum (2010) expõe: “Aos primeiros povoadores se atribuía uma ‘suerte’ de campo, de meia légua de frente por légua e meia de fundo (...) (...). Tal extensão, equiparável na atualidade a uns 1.875 hectares – segundo Giberti –, podia ser ampliada reclamando-se para cada filho nascido de casal fundador uma ‘suerte’ mais, campos que logo a própria herança se encarregaria de subdividir e levar ao nível primitivo” (2010, p. 84).

(13) Conforme Dante de Laytano (1983, p. 15), uma sesmaria equivale a aproximadamente 13.068 hectares.

palavras, e sentidos destas, de referência aos indivíduos e grupos assim designados.

É nos territórios de fronteira entre domínios lusos e hispânicos (os atuais Rio Grande do Sul/Brasil e Uruguai) que o termo *Gaúcho* será registrado pela primeira vez, na década de 70 do século XVIII, como referência a um grupo:

(...) composto por peões de campo, desertores e alguns índios que se dedicam ao contrabando e ao roubo de gado. Em muitos casos pagos por estancieiros de Rio Pardo e outros lugares próximos, como assim também de proprietários de terras da Banda Oriental que recebiam consideráveis ganhos ao vender o gado mais além do território uruguaio. (MOLAS, 1956, p. 145)

Os estudos de Molas também contribuem para a compreensão de que, não obstante as graduais mudanças de sentidos nas utilizações da designação *Gaúcho*, foram sempre habitantes destas sociedades pastoris quem as receberam; habitantes que têm em comum serem os despossuídos do acesso privilegiado às terras e, portanto, por meios lícitos e ilícitos serviam e atuavam na estrutura socioeconômica que tinham no latifúndio e nas grandes Estâncias os seus pilares.

Nesta perspectiva, é possível acompanhar Molas (inspirado em Emilio Daireaux, um estancieiro francês estabelecido na Argentina em fins do século XIX) para concluir que no Pampa – bioma e território histórico de uma estrutura socioeconômica na qual os “menos têm muito e os muitos têm pouco, quase nada ou nada” – os *Gaúchos* não são uma raça, mas uma classe social (MOLAS, 1982, p. 90).

Moral *Gaucha*?!

Com mérito, alguns estudiosos buscam depurar a percepção do *Gaúcho* histórico, enfrentando os estereótipos e as caricaturas presentes nos imaginários sociais. Assunção (2011), por exemplo, propõe abordar a história sem:

(...) cair na ingênua atitude dos que quiseram fazer do gaúcho um Quixote ou um Robin Hood dos pampas e coxilhas, tampouco no extremo dos que o tem descrito como besta negra da história regional, malfeitor e destruidor, ou como um miserável descalço, condenado à total marginalidade pela sociedade colonial ou por uma oligarquia rural hiperlatifundiária, que o perseguiu a bala e fome (...) (2011, p. 169)

Não é possível, contudo, deixar de reconhecer que o *Gaúcho* – aquele que delimitamos como nosso referente –, ao longo de dois séculos de existência não tenha sido impactado pelas mudanças econômicas, políticas e sociais do período (da vaqueria à pecuária; da colônia imperial aos estados nacionais; de uma autonomia, quase marginal, a um *status* de empregado rural).

Admitir a existência de um nível de diversidade nas expressões *Gaúchas* ao longo de um período histórico – as quais não as desnaturam, mas as enriquecem – não prejudica, em nosso entender, a possibilidade de desvelar o que elas contêm de um arquétipo. Devemos, contudo, manter a constante vigilância epistemológica, sob o risco de cair na armadilha de tomar o acessório como o principal.

Recorrendo novamente a Assunção (2011), sustentamos que é possível encontrar consenso em se considerar que o *Gaúcho* histórico é produto de uma cultura *ganadera* (no sentido de exploração de riquezas do gado), a qual é inicialmente

predadora de grandes manadas selvagens existentes no território já delimitado.

Ainda com o historiador, também estabelecer como consenso a importância da participação *Gaucha* nos conflitos e guerras dos processos de constituição dos estados nacionais na região, sobretudo na primeira metade do século XIX. Nestes processos, por vezes em adesão a caudilhos⁽¹⁴⁾, por vezes compulsoriamente engajados em exércitos provinciais.

A análise daquilo que é contexto e conjuntura sociopolítica e econômica em relação a esses dois consensos permite que se reconheçam condições favoráveis a formação de imaginários sociais pejorativos aos *Gauchos*.

No primeiro momento porque os direitos (sobretudo no sentido jurídico: prerrogativa que se pode usufruir com pretensão de exclusividade) à exploração da riqueza das manadas de gado ainda estavam em disputa e eram pouco efetivos, em termos de tutela a partir de algum centro de poder político. Na vastidão territorial do Pampa, no seu vazio demográfico, a lei e ordem dos poderes coloniais têm dificuldades de se fazerem valer.

Indivíduos e grupos de gentes, via de regra, não vinculadas aos que julgam ter o direito usufruto das manadas, mas que sobre elas exercem a vaqueria, é que receberam inicialmente o atributo de *Gaucha(s)*.

Por viverem e atuarem à margem da lei e ordem dos poderes coloniais, bem como por suas ações prejudicarem os privilégios que os detentores de tais poderes sustentavam possuir, os *Gauchos* foram associados à vida que vagueia sem regimentos, à indisciplina, à amoralidade, à violência e ao crime.

Já no segundo momento porque, ao serem atraídos e cooptados por lideranças (muitas vezes milicianas) que disputavam os vazios de poder na desarticulação da ordem colonial, acabaram por simbolizar o desrespeito aos direitos daqueles que foram prejudicados em meio aos conflitos e guerras. Agregaram no imaginário a percepção de que se aproveitam de tais momentos para expressar sua “natureza” violenta e selvagem.

(14) “**CAUDILHO** (BRAS) *S.m.* – Comandante militar e chefe político de grande expressão carismática e extenso âmbito territorial (e até institucional) de atuação (DS, PA, AD, AM, AJ, FP, CM, IP), que teve muita influência na condução dos destinos dos povos pampeanos, do Prata ao Rio Grande do Sul, durante todo o séc. XIX e até a primeira quarta parte do séc. XX.” (SCHELLE, 2019, p. 221)

Os franceses Saint-Hilaire (2012) e Isabelle (2006) escrevem seus relatos de viagem em períodos de contato e transição entre ambos os momentos: o primeiro nos anos de 1820 e 1821; o segundo, entre 1830 e 1834. Ao mencionarem os *Gauchos*, fazem-no não só através de descrições das peculiaridades de seus hábitos e vestimentas, mas também repercutindo o imaginário depreciativo que sobre aqueles recai (além de suas próprias concepções de superioridades raciais e culturais, como europeus que são).

Saint-Hilaire, em janeiro de 1821, ainda no território uruguaio ocupado pelos portugueses, compara homens e soldados das diferentes coroas ibéricas e manifesta preocupação com o contato entre sul-rio-grandenses e os índios da região: “Se deixarem os habitantes do Rio Grande entrar em contato com os índios, e se negligenciarem a educação moral e religiosa deles, em breve não passarão de gaúchos” (2012, p. 263).

Em passagens anteriores o naturalista já havia se posicionado em relação ao caráter *Gaúcho*, sobretudo vinculando-o ao período de turbulências que se seguiu às proclamações de independência nos territórios espanhóis:

Segundo o caráter bem conhecido dos gaúchos, é lícito crer que, logo proclamada a independência, aproveitaram eles os primeiros momentos de desordem a fim de pilhar o gado nas estâncias dos portugueses e que estes, por sua vez, também o roubavam das estâncias espanholas. (2012, p. 102)

E, por fim, associando-os a caudilhos como José Gervásio Artigas⁽¹⁵⁾, reforça os atributos negativos:

Estes homens sem religião e sem moral, a maior parte índios ou mestiços, que os portugueses designavam sob o nome de *Garruchos* ou *Gaúchos*, e cujos costumes já descrevi, não tardaram a se reunir a Artigas e a seus chefes, quando estes desfraldaram a bandeira da revolta. O brado de “Viva la Patria!” não era para eles se não o sinal de pilhagem; algumas vezes apoderavam-se do gado para vendê-lo e jogar com o dinheiro que por ele recebiam. Matavam-no sem necessidade e nem lhe tiravam o couro. Cada comandante não passava de um chefe de facínoras que, na maior parte do

(15) José Gervasio Artigas (1764-1850) foi um militar e político das trajetórias de emancipação estatal do Uruguai. Hoje é herói nacional do país, mas, por muito tempo – e, sobretudo no curso de sua vida –, foi considerado um caudilho prejudicial tanto aos interesses de Buenos Aires, como aos de Portugal/Brasil nos territórios da Banda Oriental.

tempo, agia por conta própria, não obedecendo às ordens de ninguém. O amor da pilhagem e da licenciosidade era a motivação do soldado, o amor do comando, o estímulo do chefe. Estes homens, entretanto, tinham sempre na boca a palavra pátria, e as pessoas estavam tão acostumadas a ouvi-la repetir que o tempo em que o governavam os insurgentes é conhecido na região como o *tempo da Pátria*. (2012, p. 170)

Isabelle (2006), por sua vez, colocará os *Gauchos* em oposição ao civilizado, pois “não têm outros preconceitos que os que nascem de uma vida puramente animal, quase selvagem” (2006, p. 113). Também os associa aos hábitos de pilhagem (2006, p. 88), bem como sugere uma natureza primitiva de instintos, no que se refere à obediência a caudilhos:

Esse hábito de liberdade física faz, precisamente, que nenhum governo monárquico possa manter-se entre essa gente, e que seja difícil de estabelecer-se até mesmo uma simples organização regular; porque a idéia de *obediência* entre os gaúchos tem certa semelhança com a do selvagem, que segue instintivamente o membro de sua tribo que consegue se impor aos outros por faculdades físicas sobrenaturais. É assim que os gaúchos *obedecem cegamente* a Rosas(16), ou a todo chefe que, como ele, sabe manejar o *lazo*, as *bolas*, ou o *cuchillo*, com destreza comparável à de um índio *pampa*. Não basta, entretanto, que a habilidade do chefe vá até aí: é preciso que seja o melhor cavaleiro (*ginete*); que saiba montar em pêlo, sem sela e sem freio, o primeiro cavalo indomado que lhe oferecem; que, armado de suas esporas monstros, de largas rosetas, e de pé sobre o portal da casa, tenha a habilidade de saltar no lombo de um cavalo que é lançado a galope (...). (2006, p. 112)

Não há dúvidas de que tais relatos estão permeados dos conceitos e preconceitos desses viajantes, bem como dos valores, interesses e pontos de vista associados tanto às suas origens europeias como às posições que possuíam – inclusive em relação aos poderes oficiais – ao tempo de suas viagens. Contudo, mesmo depurados desses elementos, contribuem para a apreensão de um *modus vivendi Gaucho*, o qual não deve ser desconsiderado.

(16) Refere-se a Juan Manuel de Rosas (1793-1877), militar e político argentino. Também considerado um caudilho, governou a Província de Buenos Aires e teve protagonismo nas guerras que – ao longo do século XIX – culminaram na reorganização geopolítica das províncias do Vice-Reino do Rio da Prata em Estados Nacionais.

Em nosso entender, mesmo o período histórico de uma marginalidade *Gaúcha* (no sentido de inexistentes ou frágeis vínculos positivos em relação à ordem sociopolítica então dominante) não prejudica o que neste elemento humano e social podemos buscar para um arquétipo de atitudes e posturas cognitivas. Existe, como propõe Tao Golin (1983), um código moral dos *Gaúchos*. Este nos é importante, mas também são seus os elementos que foram capturados por uma posterior (e atual) ideologia conservadora, conforme a crítica do historiador.

Valentia, palavra empenhada e camaradagem são três elementos explicitamente destacados por Golin:

A base disso está no espaço histórico do grupo social gaúcho predador, quando o trabalho da prea e arrebatamento do gado chimarrão só era possível de ser realizado através da coragem, da valentia, da camaradagem, evidentemente por se constituir serviço perigoso e que exigia destreza campeira para efetuá-lo. (1983, p. 20)

Valentia como coragem, como destemor de enfrentar tarefas árduas que exigem resistência física e mental. Mais do que mera força ou poder sobre os demais, uma potência interna de proatividade frente ao que lhe é demandado por sua atividade. Através de Güiraldes (2011), *Don Segundo Sombra* conta um caso⁽¹⁷⁾ que assim começa: “(...) nas beiradas do Paraná (...) (...) trabalhava um paisanito⁽¹⁸⁾ de nome Dolores. Não era ele um homem grande nem forte; mas era corajoso, o que vale mais” (2011, p. 99).

Palavra empenhada, como ética do compromisso em relação ao outro, porque não só a vaqueria, o rodeio, as tropeadas são atividades que exigem de cada qual o cumprimento da tarefa assumida, sob os riscos de ferimentos (e até morte) em outros envolvidos, para além da frustração do objetivo grupal, mas também porque se trata ainda de uma sociedade baseada mais

(17) “**CAUSO** (BRAS) *S.m.* - VAR de caso (EV) - V. *caso*.” (SCHELLE, 2019, p. 221) / “**CASO** (BRAS) *S.m.* - O mesmo que **causo**. Qualquer narrativa contada à beira do fogo, nos galpões das estâncias [acep. n/d, em DHLP e NDLP, mas registrada em VGRC]. // Relato de qualquer fato: história, conto, anedota (AM, SL, DA).” (SCHELLE, 2019, p. 219).

(18) Diminutivo de: “**PAISANO** (BRAS) *S.m.* - Homem do campo (BH, EC, AL, JH, JV, SL, RG, FP, EV). // Patrício, compatriota, conterrâneo. // Civil (em oposição a militar). // Forma de tratamento us. pelos campeiros pampeanos na conversação com um desconhecido - o mesmo que → *amigo* [voc. us. c/PLAT: *paisano* (VCOR)].” (SCHELLE, 2019, p. 682).

nos sentidos de honra – aquilo que todos, em alguma medida, podem possuir e de todos se pode exigir – do que nas tutelas jurídicas dos contratos.

Camaradagem – já por nós tratada a partir de relatos dos viajantes, como capacidade de ser solidário em ações e/ou disposição de bens vitais (comida, abrigo e até mesmo animais de montaria) – porque o trabalho campeiro e o próprio ambiente pampeano não distribui seus desafios a partir de privilégios de classe, cor, gênero... à todos é desafiador, áspero e inóspito.

Por óbvio que o manejo cotidiano e episódico desses elementares de um código moral *Gaúcho*, sobretudo em contextos com faturas de disputas e beligerâncias, é favorecedor de ações violentas, seja na dimensão de relações interpessoais, seja nas perspectivas de grupos e/ou classes sociais.

É possível, nesse sentido, retomando-se que a existência *Gaúcha* é desprovida de capitais econômicos (terras, rebanhos próprios e acúmulo de dinheiro), tendo por eixo apenas seu capital campeiro, o qual está incorporado e inclui sua valentia e coragem (sua integralidade como pessoa), que para sua realidade dimensões da violência devam ser interpretadas de forma similar à que Maria Sylvia de Carvalho Franco (1997) desenvolveu em relação ao caipira paulista do Vale da Paraíba do século XIX: homem livre e pobre numa ordem escravocrata:

A constante necessidade de afirmar-se ou defender-se integralmente como pessoa, ou seja, a luta ingente na relação comunitária surge conjugada à constituição de um sistema de valores em que são altamente prezadas a bravura e a ousadia. Realmente a ação violenta não é apenas legítima, ela é imperativa. De nenhum modo o preceito de oferecer a outra face encontra possibilidade de vigência no código que norteia a conduta do caipira [*Gaúcho*]. (1997, p. 54)

E, adiante conclui:

Em seu mundo vazio de coisas e falta de regulamentação, a capacidade de preservar a própria pessoa contra qualquer violação aparece como a única maneira de ser: conservar intocada a independência e ter coragem necessária para defende-la são condições de que o caipira [*Gaúcho*] não pode abrir mão, sob pena de perder-se. A valentia constitui-se, pois, como o valor maior de suas vidas. (1997, pp. 62-63).

Também se atribui ao *Gaúcho* fatalismo e individualismo.

No primeiro aspecto é de se considerar que o cotidiano da existência *Gaúcha* é permeado por fatalidades, no sentido daquilo que, com cargas de desventura, não se pode evitar.

Desde o gado, que mesmo selvagem acaba subjogado e morto por suas mãos (degolado ou cuidadosamente esfaqueado para que não se prejudique o couro), após perseguições que se encarregam de evitar possibilidades de fuga, até as intempéries do clima nas tropeadas, a monotonia das paisagens, o isolamento social, além da própria marginalização e, até mesmo, o engajamento forçado nos exércitos(19), tudo sugere que ao *Gaúcho* se favoreceu um senso de convivência com a fatalidade.

O narrador da novela *Don Segundo Sombra* (GÜIRALDES, 2011), em sua tropeada inaugural, exemplifica-nos este senso quando descreve sua primeira experiência em meio a uma chuvarada:

A chuva se precipitou, interceptando-nos o horizonte, os campos e até as coisas mais próximas. Os tropeiros distribuíram-se ao longo da novilhada, para cercar a marcha mais de perto.

(...)(...)

De minha parte, entretive-me em sentir sobre o corpo o cerrado martelar das gotas, perguntando-me se o poncho(20) me defenderia delas. (...)(...)

A primeira reação ante a chuva, segundo mais tarde pôde constatar minha experiência, é o riso, embora muitas vezes nada de bom nos traga a perspectiva da molhadura. Rindo, pois, aguentei aquele primeiro ataque. Mas muito breve tive que deixar de pensar em mim, porque a tropa, molestada pela chuvarada que a cegava de frente, queria dar-lhe anca e fazia-se rebelde à marcha.

(19) Tal questão é significativa em especial para o contexto hispânico. É de se registrar que o engajamento forçado de Martín Fierro, personagem que dá nome a duas – clássicas para a cultura *Gaúcha* – obras poéticas de José Hernández (a primeira publicada em 1872, Buenos Aires), é eixo da narrativa de suas desventuras. Também no entorno desta questão é o enredo do conto *La Tapera*, do uruguaio Santiago Maciel (1865-1931).

(20) **“PONCHO** (BRAS) *S.m.* - Veste típica dos campeiros pampeanos, us. Permanentemente como agasalho pessoal, coberta improvisada e resguardo contra a chuva e o vento. // Também us. como arma de defesa, se lançada contra tiros de boleadeiras ou enrolada no braço, em lutas a facão. // Trata-se de uma peça quase sempre tecida artesanalmente em lã, de forma retangular –

Como os outros, tive que me introduzir entre o gado, distribuindo sopapos e rebençados. A cada grito se me enchia a boca de água, obrigando-me a cuspir sem descanso. Com os movimentos, percebi que meu ponchezinho era curto, o que me proporcionou o primeiro desgosto.

Em meia hora, tinha os joelhos empapados e as botas como aljibes.

Comecei a sentir frio (...)(...)

Assim, logo fiquei ensopado.

O vento que trazíamos na cara aumentou, tornando mais duro o castigo, (...)(...)

Acobardado, olhei meus companheiros, pensando encontrar neles um eco para minhas tribulações. Sofreriam? Em seus rostos indiferentes, a água resvalava como por sobre o nhanduvá [*nhandubai*] (21) dos moirões, e não pareciam mais feridos que o próprio campo.

(...)(...)

Duas horas passei assim, olhando em redor de mim o campo hostil e brunido.

As roupas, pegadas ao corpo, eram como febre gelada sobre meu peito, meu ventre, minhas coxas. Eu tiritava sem parar, sacudido por violentos estirões musculares, (...)(...)

Súbito uma abertura se fez no céu. (...)(...)

Um vigor poderoso contagiava tudo; e me senti novo, viçoso, capaz de sobrelevar todas as penúrias que me impusesse a sorte.

A vitalidade excedente, contudo, ficou recolhida em nossos corpos, pois dela teríamos necessidade para arrostar os próximos inconvenientes e, sem nos esparramar em inúteis rebuliços, voltamos a cair em nosso ritmo contido e obstinado:

Caminhar, caminhar, caminhar. (2011, pp. 86-89)

às vezes ovalada ou redonda – com uma abertura no centro, para se enfiar na cabeça e se usar solto sobre os ombros, com a aparência de uma capa (BH, HA, EC, AL, JH, PA, AD, JV, AF, SL, AJ, DA, RG, FP, FE, CM, IP, EV).” (SCHELLE, 2019, p. 736).

(21) “**NHANDUBAI** (PLAT) *S.f.* - V. *nhandubá* [m/us.].” / “**NHANDUBÁ** (BRAS) *S.f.* [n/d] – O mesmo que *nhandubai*. // V. *algarrobo* (HA, AD, JV, AF, SL, RG). (SCHELLE, 2019, p. 660)

“**ALGARROBO** (PLAT) *S.m.* - Algarrobo, algarobeira. Árvore leguminosa (*Prosopis nigra*) (DS), difundida a oeste do rio Uruguai e no extremo sudoeste do Rio Grande do Sul – de madeira dura us. em postes de alambrados, que produz frutos amarelentos e doces. AME: *algarrobo* (DESU, FAAU). # Outra esp. Campeira de algarrobo, o **nhandubá** [denom. n/d.] ou **inhaduvá** (*P. algarrobila*), é comum no pampa ocidental; e, em certas regiões da Argentina,

A chuvarada inevitável e o inevitável impacto na tropa. O frio e o mal-estar inevitáveis. O sentimento de potência no manejo desses inevitáveis, dessas “penúrias da sorte”. Mas a contenção, a introspecção, pois não se tratam de vitórias finais, mas de batalhas episódicas e, portanto, o retorno ao ritmo obstinado da tarefa: caminhar, caminhar, caminhar.

Um fatalismo que não se traduz como um senso de aceitação, mas de manejo reflexivo ante a fatalidade: os companheiros traziam indiferença no rosto “e não pareciam mais feridos que o próprio campo”.

Similar sentido sugere ter, também, o atributo do individualismo.

O poeta argentino Leopoldo Lugones (1997), em texto que apresenta a obra *Don Segundo Sombra*, destaca que a existência *Gaúcha* (sua liberdade) “se funda no possuir-se, não no possuir”. Antecede esta percepção a seguinte observação:

Cada um desses homens deve bastar-se a si próprio em todas as situações derivadas do ofício, que se constitui, por isso mesmo, numa educação completa, abarcando, na sua simplicidade, aquilo que o homem necessita para uma vida integral, do pastoreio à medicina, da música ao duelo. (1997, p. 36)

Do que conclui se formar “um tipo de homem livre que é a genuína cepa da raça e marca de nosso individualismo” (1997, p. 36), ao que agrega: : “Daí a sua fidalguia, disposta à aceitação de qualquer superioridade, mas disposta igualmente a enfrenta-la se representa humilhação” (1997, p. 36).

E, para além disto, o *Gaúcho* vivenciou seu cotidiano em circunstâncias que via de regra lhe impuseram os distanciamentos sociais.

Daí, provavelmente, também a gênese daquilo que a ele se atribuiu como melancolia e, igualmente, do caráter excessivo – quanto ao jogo e à bebida alcoólica – em seus breves momentos de sociabilidade.

Gaúchos não são santos nem demônios. Homens dos seus tempos e contextos viveram seus desafios, oportunidades,

chamada *el árbol*. 1 MED: us. como adstringente e anti-inflamatório, em banhos oculares (infusão das folhas e frutos); como antidiarreico (infusão da casca).” (SCHELLE, 2019, pp. 85-86)

dilemas, conquistas e derrotas com o senso prático e as atitudes que as relações estrutura-sujeitos lhes permitiram desenvolver e incorporar.

Aqui não nos cabe julgar *Gaúcho* a *Gaúcho*, grupo a grupo – mesmo quando associados a este ou aquele caudilho em períodos de sangue, violência e crueldade – mas, sim, compreender que a existência de um código moral, passível de apreensão, permite-nos desvelar um arquétipo válido para atitudes cognitivas no âmbito dos desafios do conhecimento que vivenciamos.

Gaúcho e Pampa: atitudes cognitivas

José Hernández (1988), pela boca de seu icônico personagem Martín Fierro (*el Gaúcho*), dá-nos os versos apropriados para este momento:

Aqui não valem doutores,
Só vale a experiência;
Aqui veriam sua inocência,
Estes que tudo sabem;
Porque isto tem outra chave
E o *gaúcho* tem a sua ciência. (1988, p. 56)

Mas, apesar da potência dos versos, para que não se idealize o *Gaúcho* como um quase sobre-humano, algumas questões devem ser levantadas.

Primeiro circunscrever quais são suas atividades típicas para, então, nelas identificar o que lhe é peculiar e, portanto, digno de registro na perspectiva de um arquétipo.

Quatro atividades nos sugerem ser as que concentram a ação *Gaúcha*, apesar de suas variantes e subatividades: a vaqueria; o rodeio; a tropeada; os manejos de pastoreio (estes, já numa fase mais concernente ao século XIX).

A vaqueria, conforme Assunção (2011), “constituiu a base primeira, o cimento da depredação do bovino como princípio econômico” (2011, p. 2685) na região. A partir deste termo se pode abarcar outras práticas, como também propõe Assunção:

[...] compreende, principalmente, a caçada, a corrida e volteada (22) para matá-lo [o gado], em forma quase massiva,

(22) **VOLTEADA** (BRAS) S.f. - Volteio. Busca de animais dispersos pelo campo (SL). // Emboscada, cilada, tocaiada (SL), para prender animais a campo. // Ação de lançar ao chão uma pessoa ou animal (BH, HA, AF, AM, SL) [PLAT: *volteada* ou *voltiada* (PVRC, VCOR, VRDG,)]. u FRAS: *cair na volteada* (ser enganado, ser atraído). (SCHLEE, 2019, p. 940)

com vistas, originalmente, da coureada(23) e *sebeada* ou *graseada*(24), e mais tarde, também da *charqueada*, quer dizer corte e conservação da carne salgada e seca. (2011, p. 2685)

Uma descrição mais vívida de uma vaqueria é dada pelo Frei Pedro José de Parras, que esteve na região entre 1749 e 1753:

Vi também em diversos dias matar dois mil toros e novilhos, para lhes tirar o couro, sebo e graxa, ficando a carne pelos campos. O modo de mata-los é este: montam seis ou mais homens à cavalo, dispostos em um semicírculo, correm por adiante duzentos ou mais touros. No meio deste semicírculo que formam as gentes se põe um vaqueiro que há de os matar; este tem em mão uma haste de até quatro varas em cuja ponta está uma meia-lua de aço de bom corte. Dispostos todos nesta forma, dão aos cavalos carreira aberta no alcance daquele. O vaqueiro vai ferindo com a meia-lua a última rês que fica na tropa; mas não a fere de qualquer modo, mas sim ao mesmo tempo em que o touro vai pisar no chão, toca-o com grandíssima suavidade com a meia-lua no jarrete, acima da junta [...] em seguida [...] cada peão fica a esfolar o seu [bovino] ou os que lhe são destinados, deixando e estaqueando os couros. (*Apud* ASSUNÇÃO, 2011, p. 2754)

O rodeio remete às práticas de reunir o gado disperso, o que favorece a execução de outros manejos em relação à manada, tais como apartar animais (separar, por exemplo, as vacas prenhas), contar o rebanho, examinar e tratar doenças e feridas, marcar(25).

As exigências e desafios do rodeio repercutem as graduais mudanças históricas dos sistemas de exploração econô-

(23) **COUREADA** (BRAS) *S.f.* - Ato ou efeito de → courear (AF, FE). (...) (...) **COUREAR** (BRAS) *Tr.dir.* - Esfolar um animal, vítima de acidente, peste, doença comum, falta de água ou de alimento, com a finalidade de retirar-lhe o couro (JH, AF, SL, RG) [voc. us.c/ PLAT] AME: *cuerear* (PVRC). // Criticar alguém exageradamente. 1 OBS: em relação a animais abatidos para o consumo, não se aplica o verbo courear; mas sim a expr. *tirar o couro*. (SCHLEE, 2019, p. 269)

(24) Mantivemos os dois termos no espanhol pois o Dicionário de Schlee não nos oferece traduções mais precisas para os mesmos. Não obstante, referem-se à extração de sebo e graxa dos animais abatidos.

(25) **MARCA** (BRAS) *S.f.* - Sinal com que se distingue, a faca (num corte especialíssimo) ou a fogo (numa impressão da pele, por queima), cada animal bovino, equino ou ovino do gado de uma estância (HA, JH, SL). (...) (...)

mica do gado, podendo-se considerar que na atualidade são menos intensas. No período que adotamos como referência para a arquetípica existência *Gaúcha*, entretanto, mesmo passada a fase das vaquerias e suas matanças massivas, os rebanhos – que seguiam em muito compostos de animais selvagens – permaneceram ainda por décadas dispersos em territórios não cercados. Esta condição fez do rodeio uma atividade muito dinâmica e com significativos riscos.

O Capítulo XVI de *Don Segundo Sombra* (GÜIRALDES, 2011) narra um rodeio de gado selvagem, ocorrido em campos próximos ao mar, do qual teriam participado cerca de 30 vaqueanos(26). Diferentes momentos de ação se incluem nos relatos, mas dois merecem destaque. Primeiro, a perseguição que o narrador promove a uma vaca jaguané(27):

O Mouro(28) prendeu-se a ela como uma mutuca na paleta; e lá fomos, com ela no costado, firmando-nos um no outro.

De repente começamos a pisar em algo sonoro e resvaloso. Larguei os estribos por via das dúvidas. A jaguané, querendo cair, atravessou-se; mas o Moro continuou a levá-la por diante, no impulso da corrida. E aconteceu o que tinha que acontecer. Ao sair do chão de pedra resistente, reencontrando a brandura da areia, a vaca rodou. Senti, pelo encontrão, que o Moro dava volta sobre a cabeça. “*Desde que não se quebre*”, tive tempo de dizer-me, e me atirei para trás. (2011, pp. 148-149)

MARCAÇÃO (BRAS) *S.f.* - Ato de marcar animais. O mesmo que hierra ou jerra (HA, JH, SL, DA, EV). Procedimento próprio da atividade campeira que consiste em marcar a fogo, com ferro em brasa, animais de criação, especialmente terneiros e potrancos. Ocorre anualmente, em outubro; e se transforma, com frequência, em uma festa. (SCHLEE, 2019, p. 615)

(26) **VAQUEANO** (PLAT) *S.m.* - O mesmo que baqueano ou **tapejara**: aquele que pratica vaqueanagem. Homem conhecedor do pampa, que servia de guia a expedições de toda a classe (HA, DS, AL, JH, PA, AD, AF, AM, SL, RG, FP, EV). || *Adj.* - Diz-se de quem possui →vaquia. Aquele que tem prática campeira e é habilitado para diferentes misteres (SL). AME: *baqueano*(NVCR) ou *baquiano* (VCOR). (SCHELEE, 2019, p. 917)

(27) **JAGUANÉ (...)(...)** (BRAS) *Adj.* - Diz-se de animal vacum de pelagem escura (preta ou colorada), com faixa branca no fio do lombo (SL). // Diz-se, igualmente, dessa pelagem. (SCHELEE, 2019, p. 543)

(28) Refere-se ao seu cavalo, nesse sentido também indicando sua pelagem. “**MOURO (...)(...)** Diz-se de cavalo escuro (mais escuro do que o →tordilho-negro), de pelagem preta, manchada de raros e quase imperceptíveis pelos brancos, que lhe dão um tom azulado, diferente, semelhante ao da ardósia (JH, SL, RG, IP).” (SCHELEE, 2019, p. 645)

O segundo, ao final do capítulo, também envolve o narrador:

Nisso ouvi uma gritaria e vi que um touro investia na minha direção, corrido por uns paisanos.

Enforquillei-me no Comadreja(29), dispondo-me a sacudir meu mau humor.

Deixei que se aproximassem mais. Já bem perto, coloquei-me de jeito para fazer o que pretendia. Quando calculei que era boa a distância, gritei:

- *Com licença, senhores.* – E toquei o baio adiante.

Meu pingo era meio abrutalhado para o encontrão. Da minha parte, tinha calculado bem. A todo correr, o peito do baio deu na paleta do touro. Ajudei a pechada(30) com meu corpo. Ficamos cravados no lugar do porraço. O touro saltou como pelota, deu volta sobre o lombo.

Tinha feito uma coisa das mais perigosas. Pegar um animal com toda fúria, na cruzada, é um alarde que pode custar o couro se a velocidade de cada um não está calculada com toda justeza.

Um bom começo, que me encaminhava muito bem para a brutalidade do trabalho recém-iniciado! (2011, p. 154)

A tropeada – “**TROPEAR** (BRAS) *Tr,dir.* - Conduzir, levar adiante uma tropa, pelos campos ou através de uma estrada (AM, SL) [voc. us. c/PLAT: *tropear* (DESU, NDUR, NVCR, PVRC, VCOR.)].” (SCHELEE, 2019, p. 892) – também tem suas nuances. Estas incluem os extremos dinâmicos das atividades *Gauchas*: da monotonia do acompanhar a tropa nas paisagens repetitivas do Pampa, às correrias exigidas por situações de risco de dispersão dos rebanhos. Não se deve estabelecer, entretanto, maiores ou menores desafios e exigências entre estes extremos. Não só porque

(29) Refere-se ao nome de seu cavalo. Trata-se de cavalo diferente da situação anterior, uma vez que a troca constante dos cavalos é necessária devido ao desgaste dos animais no decorrer das atividades. Na sequência da narrativa também se referirá ao cavalo por baio, agora mencionado sua pelagem. “**BAIO (...)(...)** Animal cavalariço de cor amarelenta, em cuja pelagem predominam os fios amarelos sobre mescla de colorados com brancos ou negros, em matizes mais claros ou mais escuros, segundo a menor ou maior proporção de uns e outros (BH, JV, SL, DA, RG, FE, EV). || *Adj.* - Diz-se do pelo de cavalo com as características anteriormente descritas (SL).” (SCHELEE, 2019, p. 124)

(30) “**PECHADA** (BRAS) *S.f.* - Topada, encontrão, abalroamento. Batida frontal entre duas pessoas (peito a peito, na origem da expr.), entre uma pessoa e um animal, entre um animal e outro, ou com coisas ou entre coisas (PA, AF, SL, RG, FE, CM, IP). / Resultado de uma ação, própria das lides rurais: a de fazer um cavalo bater e empurrar com o peito um outro animal, geralmente vacum.” (SCHELEE, 2019, pp. 707-708)

ambos podem ser vivenciados na distância de poucas horas ou minutos numa mesma tropeada, como também porque cada um cobra seus preços ao tropeiro.

Novamente recorrendo a *Don Segundo Sombra* (GÜIARALDES, 2011), podemos exemplificar através da primeira tropeada do narrador:

A novilhada movimentava-se bem. (...)(...)

Animais e gente moviam-se como ocupados por uma ideia fixa: andar, andar, andar.

(...)(...)

Influído pelo balanceio coletivo daquela marcha, deixei-me ir no ritmo geral e fiquei numa semi-inconsciência, que era um torpor, apesar de meus olhos abertos. Assim me parecia possível andar indefinidamente, sem pensamento, sem esforço, acalentado pelo vaivém balouçante do tranco, sentindo em minhas espáduas e ombros o apertão do sol como um conselho de perseverança.

Às dez, a pele das costas me dava uma sensação de efervescência. (...)(...)

Às onze, tinha inchadas as mãos e as veias. Os pés me pareciam adormecidos. Doíam-me o ombro e o flanco machucados. (...)(...)

Às doze, íamos andando sobre nossas próprias sombras, sentindo nisso maior desamparo. (2011, pp. 73-74)

Anos mais tarde, outra lembrança do narrador:

Entretanto, três dias antes de entregar a tropa, passamos por um mau momento. O gado vinha sedento, pois nos faltavam aguadas naturais e estancieros conhecidos que nos tirassem do aperto. (...)(...)

Por volta das dez, passamos diante de uma estância.

Não houve nada a fazer. Os animais, depois de olfatarem com ânsia, largaram-se a disparar pelo corredor. Inutilmente quisemos apurá-los, para que passassem direto. Numa obstinação incontrolável, atropelaram os alambrados, (...)(...)

Corríamos sem esperança por diante das bestas sedentas. (...)(...)

As bestas sumiam-se na água, bebendo atropeladamente. Outras atiravam-se. Outras passavam-lhes por cima, com perigo de afogá-las. Quanto a nós, não tínhamos outra tarefa além de impedir os atropelos e ordenar na medida do possível aquele tumulto. (2011, pp. 127-129)

Por fim, os manejos de pastoreio⁽³¹⁾. Sob esta noção propomos abarcar, em especial, as atividades então vinculadas à perspectiva da pecuária como algo que, gradualmente, vai sofisticando-se em organização e técnicas. A atenção a rebanhos não mais selvagens, então criados em espaços com maior delimitação e, paulatinamente, sendo dotados de cercas e alambrados.

O inglês Emeric Essex Vidal (*Apud* ASSUNÇÃO, 2011), que esteve na região entre 1816 e 1818, realiza sugestiva descrição:

O trabalho destas gentes e seu comércio, é como segue:

Primeiro, na estação apropriada se faz a castração e “yerra” dos animais jovens, com o ferro com a marca característica da estância (...)(...)

Segundo, recorrer os limites do campo de vez em quando, e trazer outra vez ao seu interior os gados que podem se ter afastado.

Terceiro, no inverno e primavera, trabalhar nos currais matando numerosos gados pelos couros, sebo e “charque”, ou carne seca. (*apud* ASSUNÇÃO, 2011, pp. 4924-4930)

Essas quatro atividades apresentadas, por óbvio, não exaurem as que se pode identificar em relação ao *Gaúcho*. Estão permeadas, como as próprias descrições demonstram, por inúmeras outras (também principais, acessórias, ou mesmo complementares), tais como a doma, a marcação, a castração, o trato das feridas, o abate, o courear etc... Entretanto, sem desprezar estas últimas, bem como outras possíveis de menção, consideramos este conjunto – a vaqueria; o rodeio; a tropeada; os manejos de pastoreio (este, especialmente como a recorrida do campo e seus limites na condução e guarda do gado) – como o eixo das atividades paradigmáticas atribuíveis à existência *Gaúcha* que nos serve de referência: um **homem-espaço-atividade**.

(31) “**PASTOREAR** (BRAS) *Tr.dir.* – **Pastejar** [r/us.]. Conduzir e guardar um grupo de animais no campo. Fazer →pastoreio (EC, AD, SL, IP) [voc. us. c/PLAT: *pastorear* (DESU, NDUR, NVCR, VCOR)]. / **PASTOREIO** (BRAS) *S.m.* - Ação ou efeito de →pastorear (JV). // O conjunto de animais que constitui objeto dessa ação (AD, SL, FP) [voc. us. c/ PLAT: *pastoreo* (DESU, NDUR, NVCR, PVRC, VCOR)]. (...) (...) **PASTORIL** (BRAS) *Adj.* - Diz-se de o que é relativo ao campo ou à atividade campeira de criação de gado.” (SCHELEE, 2019, p. 700)

Quanto ao conjunto, é de se destacar seu vínculo ao dinâmico, àquilo que representa movimentos e forças. Este, o eixo da atividade *Gaúcha*: constância dos movimentos – mesmo que em extremas intensidades – e de forças em tensão.

A partir desse eixo, emergem os primeiros complexos atribuíveis ao arquétipo: monotonia e dinâmica; regularidades e imprevisões.

Mas, avancemos, pois faz parte da fama *Gaúcha* a destreza com a qual maneja, opera, seus instrumentos de trabalho: o cavalgar; o uso do laço, das boleadeiras, da desjarretadeira (32) etc.

Contudo, destreza no uso dos instrumentos que são próprios de uma atividade é o que se requer de qualquer pessoa a que aquela se dedique. Logo, não é a destreza em si que o diferencia e o destaca, mas sim o contexto – a partir dos complexos acima apresentados – no qual ele deve operar com destreza.

Trata-se de uma destreza que é precisão e flexibilidade. Precisão que é também método e capacidade de incorporar rotinas necessárias ao desempenho programável da tarefa (atingir o jarrete do vacum, para incapacitá-lo no decorrer da vaqueria); flexibilidade para se adaptar, em pleno transcórre da ação já planejada, às mudanças produzidas pelas variáveis que não lhe são possíveis controlar (abruptas mudanças no terreno e/ou no curso da corrida do animal a ser desjarretado).

(32) “**BOLEADEIRAS** (PLAT) *S.f. Pl.* - **Bolas, três-marias**. Arma de apreensão e instrumento de trabalho de origem indígena que os (gaúchos adotaram nas atividades campeiras (HA, DS, JH, AD, AF, AM, SL, RG, FP, EV). Consiste geralmente em três bolas de pedra retovadas em couro, atadas aos extremos de sogas de regular comprimento que são unidas entre si na forma de Y. Há boleadeiras de três tipos: as levianas, de só duas pedras, chamadas também de **nhanduzeiras** (utilizadas para caçar avestruzes, lançadas sobre o cogote dessas aves e enredando-as completamente); as bem pesadas, de três pedras, chamadas **potreadoras** ou →bolas-de-potro (destinadas a bolear potros); e as comuns, também de três pedras, de uso corrente e geral – que chegaram a ser ostentadas com luxo, muitas vezes fabricadas com marfim ou osso de →caracu, apresentando →retovo gravado e filigranas de prata. AME: *boleadoras* (PVRC).” (SCHELEE, 2019, p. 158)

“**DESJARRETADO** (BRAS) *Tr.dir.* - Jarreteado. Diz-se de animal cujos tendões (dos jarretes) foram seccionados, tornando-se inutilizado. **DESJARRETAR** (BRAS) *Int.* - Corr. de →desjarretear [r/us.] (FP). **DESJARRETEAR** (BRAS) *Tr.dir.* - o mesmo que desjarretar [m/us.].” (SCHELEE, 2019, p. 318)

O ambiente Pampa é estimulador de outras atitudes que sugerem significativo potencial do arquétipo que estamos buscando identificar.

Já estabelecido como vastidão de regularidades, o enfrentamento da “monotonia Pampa” é instigadora da reflexividade, da meditação que produz conhecimento na relação que o sujeito estabelece com os objetos e contextos do seu ofício.

Passados cinco anos de sua iniciação como tropeiro, o narrador de *Don Segundo Sombra* (GÜIRALDES, 2011) avalia seu aprendizado na vida *Gaucha*. Uma frase nos remete à potência pampeana no estímulo reflexivo: “Minha fantasia começou assim a trabalhar, animada por uma força nova, e meu pensamento mesclou uma alegria às vastas meditações nascidas do pampa” (2011, p. 93).

Tende a ser, entretanto, um estímulo árduo, o qual exige o manejo da monotonia. Já citamos passagens do mesmo narrador que isto nos sugerem – “voltamos a cair em nosso ritmo contido e obstinado: Caminhar, caminhar, caminhar. (GÜIRALDES, 2011, pp. 86-89) – bem como relatos de viajantes que confirmam o impacto melancólico da paisagem.

Obstinação-reflexividade; outro par de atitudes que se identifica ao arquétipo *Gauche*.

As planuras e as mesmices do Pampa também instigam ao treino das habilidades de observação e percepção das sutilezas.

O rastreio, num ambiente no qual “as impressões são rápidas, arrebatadoras [espasmódicas], e logo se esfumam na amplidão do ambiente, sem deixar rastro” (GÜIRALDES, 2011, p. 73), é perícia estimada.

Alfredo Ebelot (2013) – engenheiro francês que trabalhou, em fins da década de 1870, na construção de um sistema defensivo na então fronteira da Província de Buenos Aires com o chamado Deserto – presença e se impressiona com a atuação de um rastreador.

Ocorrido o furto de uma tropilha de cavalos próximo à fronteira com o território indígena do deserto argentino, foi chamado um especialista em rastros. Este, ao chegar:

Apeou pausadamente e olhou por longo tempo, calado, as intrincadas pisadas que se confundiam no espaço de dois metros de largura através do qual a tropilha havia feito sua furiosa irrupção.

Subiu na parede de terra, desceu no outro lado, e pisando o solo com tanta precaução como se estivesse marchando sobre brasas e escorpiões, dirigiu-se até o ponto no qual os cavalos haviam rodopiado. Evitava, como se compreende, fazer desaparecer as pisadas acidentais, a de um animal separado do grupo ou montado.

Chegado aí, pôs-se a olhar com tão intensa atenção que assumia, de verdade, um caráter escultural (...) (...). Em seguida, voltou-se em nossa direção sem se fixar em nada, atropelando desdenhosamente terra, pasto, pedras, terrenos, como quem não tem que surpreende-los com um segredo.

(...)(...) pronunciou sua sentença com tom lento;

- Passaram seis cavalos montados, quinze soltos, e uma égua madrinha com um potrinho de seis a oito meses. (EBELOT, 2013, p. 219-225)

No dia seguinte os ladrões foram apanhados e os dados – na exatidão da fala do rastreador – confirmados.

Tal sofisticação na atividade de rastrear, de perceber e traduzir as sutilezas das informações da natureza, bem como daquelas que nela são impressas, é presumível que não tenha sido a regra entre todos os *Gaúchos*, mas terá sido num nível significativo, pois também chamaram a atenção de Félix de Azara, espanhol enviado à região no último terço do século XVIII para atuar na formalização dos limites e fronteiras hispano-portuguesas:

Outra coisa não menos admirável é a exatidão com que aqueles que chamam de “vaqueanos” ou especialistas sabem reconhecer, ao primeiro golpe de vista, o melhor lugar para passar um rio que se avista de uma ou duas léguas de distância, ainda que nunca o tenham visto antes. Não deixam nunca de, sem fazer recuos, chegar ao lugar que lhes foi pedido, ainda que não existam árvores no caminho, nem sinais, e que se encontrem numa região completamente plana, e isto de dia ou de noite e sem bússola. (AZARA *apud* ASSUNÇÃO, 2011, p. 3563)

Também Hernández faz Martín Fierro afirmar: “Busco água olfatando o vento” (1988, p.82).

Mas se este simbólico *Gaúcho* demarca, com certa arrogância, o caráter e o valor empírico da sua ciência, então para se opor e desmerecer àquela dos doutores – como se vê nos versos

que iniciam essa seção: “Aqui não valem doutores,/ Só vale a experiência;” (1988, p. 56) – não devemos nós, sem alguma relativização, reproduzir o exagero.

Existe um processo de formação *Gaucha*. A novela *Don Segundo Sombra* (GÜIRALDES, 2011) tem este como seu enredo.

O narrador, jovem que está a vivenciar sua primeira tropeada, é desafiado na sua presunção de autossuficiência. Ouve chacotas dos companheiros: “*Pa empeçar, somos buenos toditos*” (GÜIRALDES, 2011, p. 67). Na sequência chega a uma importante reflexão:

Antes de andar bancando “o tal”, tinha com certeza que aprender a carnear, laçar, pealar, domar, correr como o pessoal no rodeio, fazer rédeas, buçais, cabrestos, lonquear, sovar tentos, armar botões, esquilar, tosar, bolear, curar o mal do vaso, a travagem, os formigamentos e sei lá quantas coisas mais.

Desconsolado ante tal programa, murmurei a título de máxima:

“*Uma coisa é cantar sozinho; outra, é com guitarra*”. (GÜIRALDES, 2011, p. 79)

Anos mais tarde, reconhece seu processo formativo:

Cinco anos desses que fazem de um menino um gaúcho, quando se teve a sorte de vivê-los ao lado de um homem como aquele que eu chamava de meu padrinho. Foi ele quem me guiou pacientemente por todos os conhecimentos que deve ter um homem do pampa. Ele me ensinou as artes do tropeiro, as artimanhas do domador, o manejo do laço e das boleadeiras, a difícil ciência de formar um bom cavalo para o aparte e as pechadas, o amadrinhar uma tropilha e fazê-la parar à mão no campo, até poder agarrar os animais onde e como quisesse. Vendo-o, tornei-me hábil na preparação de loncas e tentos, com os quais logo fazia meus buçais, rédeas, sobrecinchas, encimeiras; assim como para inserir laços e colocar argolas e presilhas.

Sob sua vigilância, tornei-me médico de minha tropilha; e fui vaqueano em curar o mal dos cascos, dando volta à pisada; o moquilha, com jasmim de cachorro ou usando fiador com pedaços de um mesmo sabugo; o mal de urina, pondo sobre os rins do animal uma cataplasma de barro de torrão; a rangueira do quadril, atando uma crina da cola na pata sã;

os formigamentos, com uma chaira aquecida; os nascidos, a cerda braba e outros males, de diferentes modos.

Também por ele soube da vida, a resistência; e a inteireza, na luta; o fatalismo, em aceitar sem resmungos o sucedido; a força moral, ante as aventuras sentimentais; a desconfiança com as mulheres e a bebida; a prudência entre forasteiros; a fê nos amigos. (GÜIRALDES, 2011, pp. 91-92)

Érico Veríssimo (2004a; 2004b), escritor que no romance *O Tempo e o Vento* elabora sua percepção da formação sociocultural e político-econômica do Rio Grande do Sul, também descreve um processo de formação *Gaúcha* (33).

Neste ponto da narrativa estaremos diante de uma vivência *Gaúcha* já mais sedentarizada, pois a relação se dá entre um capataz(34) de estância (o personagem Fandango [35]) e o jovem herdeiro da respectiva estância (Licurgo Terra Cambará, também denominado pelo apelido de Curgo).

A temporalidade da narrativa está no entorno de 1870, época que Licurgo tem 15 anos. Órfão de pai, não possui uma tradição estancieira nesta linha familiar. As terras que herdará – a Estância do Angico – foram do avô materno (este, por

(33) *O Tempo e o Vento* se trata de uma trilogia que, tendo por eixo a saga das famílias Terra e Cambará, percorre temporalidades entre 1745 e 1945. Veríssimo publica a primeira parte da obra – *O Continente* – em 1949 e tem, como uma das perspectivas de seu projeto literário, desmistificar a história do estado, sobretudo com relação à imagem do Gaúcho até então produzida. Tal intenção produz resultados que permitem uma análise específica de sua percepção quanto ao gaúcho. Voltaremos adiante a algumas observações sem, contudo, aprofundar a análise das peculiaridades das sua percepções, pois que isto merece um texto mais amplo, neste objetivo focado.

(34) “**CAPATAZ** (ESP) *S.m.* – Indivíduo que cuida de uma →estância, organizando e orientando as lides campeiras, o manejo dos animais e a atividades dos →peões (BH, AD, JV, SL, AJ, DA, FP, FE, CM, IP, EV). // DES: pessoa que comanda uma carreteada (DS, CM), uma tropeada ou uma viagem, em diligência [us/c PLAT : *capataz* (PVR, VCOR)].” (SCHELEE, 2019, p. 200)

(35) A escolha deste apelido para denominar o personagem não deixa de instigar a análise de peculiares percepções de Veríssimo em relação aos *Gaúchos* no seu projeto literário. Contudo, como registramos em nota anterior, estas análises merecem um texto próprio.

“**FANDANGO** (BRAS) *S.m.* ANT – Modalidade de festa campeira e baile popular, em que se dançava ao som de guitarras, entremendo cantigas e sapateados – e que predominou na área rural da campanha do Rio Grande do Sul até a metade do séc. XIX (BH, HA, EC, AL, JH, PA, SL, AJ, DA, RG, FP) [voc. também us. c/PLAT: *fandango* (NVCR, VCOR) a significar bochincho, tumulto ou confusão barulhenta].” (SCHELEE, 2019, p. 417)

sua vez, de origem no estado de Pernambuco). O jovem encontra em Fandango aquele que poderá lhe ensinar o que é necessário a um campeiro, ainda que futuro patrão.

Fandango, com cerca de 60 anos, tem uma anterior vivência *Gaucha* menos sedentária, pois:

Desde meninote vivia viajando, conduzindo carretas, fazendo tropas, e não havia cafundó do Rio Grande que ele não conhecesse tão bem como as palmas de suas próprias mãos. Sabia onde ficavam as aguadas, onde os rios davam vau, onde havia o melhor pouso. Parecia não existir em todo o território do Continente(36) rancho, estância, povoado, vila ou cidade onde ele não tivesse um conhecido. (VERÍSSIMO, 2004b, p. 3619)

O capataz é caracterizado como alguém que também desdenha do saber que não advém da experiência:

Esses negócios que aparecem nos livros são bobagens. Não há nada como a experiência do indivíduo. Para ver se vai chover esses doutores da mula ruça(37) olham uma engenhoca parecida com um relógio. Gaúcho não precisa disso.

Ele sabia ver sinais de chuva no cheiro do vento ou no jeito das nuvens. (VERÍSSIMO, 2004b, p. 3641)

E a síntese do processo de formação *Gaucha* de Licurgo é assim descrito:

Fora também com Fandango que Curgo aprendera a nadar, laçar, curar bicheira e parar rodeio. Mas de todos os conhecimentos que o velho lhe transmitira os de que Licurgo mais se orgulhava eram os que se referiam aos cavalos.

(36) “**CONTINENTE** (BRAS) *S.m.* DES – Designação (SL, EV) que, antigamente, servia para identificar o território do atual Rio Grande do Sul.” (SCHELEE, 2019, p. 260)

Para que se compreenda as origens do uso desse termo, interessante se verificar um trecho da Carta-Patente de 19 de setembro de 1807, através da qual os territórios sul-rio-grandenses foram elevados a categoria de Capitania Geral e subordinados ao governo de Santa Catarina (Desterro, atual Florianópolis):

“Sou servido desanexar este Governo [Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul] da Capitania do Rio de Janeiro a que até agora era sujeito e erigi-lo em Capitania Geral com a denominação de Capitania de São Pedro, a qual compreenderá todo o **Continente** ao sul da Capitania de São Paulo, e as ilhas adjacentes, e lhes ficará subordinado o Governo da **Ilha** de Santa Catarina.” (*Apud* FORTES; WAGNER, 1963, p. 31. Grifei)

37) “**Doutor da mula ruça** Mau doutor; curandeiro; charlatão.” (ROCHA, 2011, p.161)

O rapaz os absorvera através de aulas práticas, durante viagens, rodeios, domas em que ele observava de perto as manhas e hábitos dos cavalos, as peculiaridades de cada raça e de cada pelo. Depois, nas conversas de galpão e nas horas de folga, Fandango lhe dava por assim dizer as aulas teóricas, em geral resumidas na forma de ditados que corriam de boca em boca por toda a Província, nascidos da experiência de gaúchos anônimos em dezenas de estâncias. (VERÍSSIMO, 2004b, p. 3740)

Um fluxo prático-teórico-prático é o que esta narrativa nos reforça reconhecer como característica de um processo de formação *Gaúcha*.

Este, portanto – voltando às habilidades que vimos identificando –, alia a obstinação reflexiva (a qual permite elaborar ideias e conteúdos teóricos) com a observação empírica das sutilezas (exercitada e aplicada na prática); esta, em fluxos, realimenta a obstinação reflexiva que repercutirá, novamente, na observação empírica das sutilezas.

Alguns sustentarão uma impulsividade *Gaúcha*, decorrente de seu espírito livre, insubmisso e a sua valentia máscula. Não iremos negar que narrativas históricas constatarem seus excessos, em especial na bebida e no jogo; suas sociabilidades impetuosas nas pulperias⁽³⁸⁾ e nas festividades. Mas as vastidões pampeanas guardam armadilhas. E, ao se admiti-lo com um observador empírico das sutilezas, não é pertinente compreender o *Gaúcho* como um incauto.

Nesse sentido é de se notar que o tema do ambiente atolador⁽³⁹⁾ aparece em duas coletâneas de contos publicadas – em anos próximos, mas em distantes locais do Pampa – por dois pioneiros da literatura do regionalismo *Gaúcho*: o argentino Ricardo Güiraldes e o brasileiro João Simões Lopes Neto.

(38)“**PULPERIA** (BRAS) *S.f.* - Comércio limitado de secos e molhados, com livre fornecimento de bebidos, instalado geralmente no campo, ao longo de caminhos e em lugares estratégicos da campanha (HA, DS, AL, JH, AD, AM, DA, RG, FE) [voc. us. c/PLAT: *pulperia* (DESU, NDUR, PVRC, VCOR, VRGD)].” (SCHELEE, 2019, p. 748)

(39) **ATOLADOR** (BRAS) *S.m.* - Barral, lodaçal, →atoleiro. Lugar de solo mole e pantanoso, repleto de barro e lodo em que animais, veículos ou pessoas correm o risco de ficarem presos.].” (SCHELEE, 2019, p. 113)

Simões Lopes traz o tema no conto *No manantial* (40), incluído na obra *Contos Gauchescos* (2013), publicado em 1912; Gūiraldes o aborda sob o título: *El remanso* (41) em *Cuentos de muerte y sangre* (2019), publicado em 1915.

Tratam-se de histórias distintas. Simões Lopes narra uma paixão não correspondida que acaba por desencadear violência. O jovem Chicão, enamorado mas bruto, e sua presa Maria Altina. Perseguição e fuga conduzem ambos – montados a cavalo – à armadilha do manantial: “(...) viu o Chicão atolado; o Chicão atolado, e logo adiante, no barro revolvido, a rosa colorada boiando; a rosa boiando, porque a moça estava no fundo, afogada, (...)” (2013, p. 2252).

No conto de Gūiraldes a fatalidade atinge Dom Leandro que, mal-humorado numa cavalgada noturna, ignora os avisos do peão que lhe acompanha, avisos que indicam estarem se dirigindo ao ponto errado do rio e se aproximando de um tremedal(42). Impaciente, Dom Leandro se lança numa travessia temerária. Ao término da narrativa se lê:

Na parte central, o barro, mais claro, fazia uma mancha como que removido com violência... logo, nada...

(...)(...)

- Ali... o patrãozinho! (2019, p. 232)

A coincidência destes dois pioneiros da literatura regionalista terem – em significativa distância territorial, mas em mesma temporalidade – coletado da tradição oral das narrativas *Gauchas* histórias que se desenvolvem a partir de um mesmo eixo (o ambiente atolador), sugere, e até mesmo atesta, a importância dada, pelos membros do espaço pampeano, à cautela nas ações, escolhas e decisões.

(40) **MANANTIAL** (BRAS) *S.m.* - Tipo de pântano ou lodaçal, característico de terreno baixo, permanentemente inundado por falta de escoamento – e transformado num sumidouro repleto de vegetação herbácea e arbustiva (JH, SL) [voc. us. c/PLAT: *manantial* (DESU, DRAE, NDUR, VCOR)]. (SCHELEE, 2019, p. 607)

(41) **REMANSO** (BRAS) *S.m.* - Lugar profundo de um curso d’água, onde a corrente se detém ou avança muito lentamente (RG). // Descanso, sossego, tranquilidade. // Lugar de pouso, retiro, recolhimento. (SCHELEE, 2019, p. 785)

(42) **TREMEDAL** (BRAS) *S.m.* - O mesmo que manantial (SL). Sumidouro, atoleiro, lodaçal (AD, SL, EV) [voc. us. c/PLAT: *tremedal* (NVCR, VCOR) ou *tembladeral* (DESU)]. (SCHELEE, 2019, p. 887)

A proatividade pode ser uma característica *Gaúcha*, mas não se faz desacompanhar de cautela e de criteriosos cálculos.

Não fosse assim, como executar a pechada nas lides campeiras? Como manejar com precisão a desjarretadeira na velocidade dos galopes das vaquerias? Como evitar manantiais, tremendais e remansos?

A proatividade criteriosa e cautelosa se nutre da observação empírica das sutilezas e é complementar e se relaciona dialogicamente com a destreza flexível.

Por fim, uma observação que nos parece pertinente.

Seus manejos nas dimensões do fatalismo e da individualidade, nos termos que aqui propomos, sugerem que está favorecido a exercitar perspectivas de distanciamento – como propostas por Norbert Elias (1998) –, as quais o habilitam a elaborar e operacionalizar os complexos acima expostos.

Explico:

Norbert Elias, em especial através da obra “Engagement und Distanzierung”, que recebeu tradução no Brasil como “Envolvimento e Alienação” (1998) e, em edição espanhola, como “Compromiso y Distanciamento” (1990), destaca não só que a “transição para a forma ‘científica’ do conhecimento acarretou, necessariamente, supremo esforço em direção a maior controle emocional e maior alienação [distanciamento]” (1998, pp. 196-197), mas também que cientistas das áreas sociais e humanas estão, pela própria condição de indissociavelmente inseridos em contextos humanos e sociais, mais tentados às armadilhas cognitivas decorrentes do envolvimento.

Quanto aos processos cognitivos, também as constatações de níveis de interdependência na relação envolvimento-distanciamento implicam no reconhecimento da existência de desafios de difícil resolução. Vale bem o alerta de Carlo Ginzburg: “A distância excessiva provoca indiferença; a proximidade excessiva pode desencadear a paixão ou uma rivalidade aniquiladora” (2001, p. 202-203).

Aos *Gaúchos* se podem imputar emoções extremas, para o bem e para o mal. Já mencionamos seus excessos quanto

ao jogo e à bebida alcoólica; já relatamos o quanto os viajantes e oponentes viam neles violência e barbárie.

Já quanto ao primeiro sentido de suas passionalidades, é famoso seu afeto ao Pago(43), local que chega a denominar como Querência(44), termo de explícita origem no querer, na afeição e no afeto. No entanto, a existência *Gaucha* – esta que tomamos como referência de um arquétipo – é pouco propícia ao se aquerenciar(45).

O poema “Deixando o Pago”, de João da Cunha Vargas (musicado por Vitor Ramil)(46), sobretudo nos contrastes das primeiras e últimas estrofes, entremeadas pela narrativa de uma existência *Gaucha*, explicita um conflito entre querência e fatalismo:

Alcei a perna no pingo
 E saí sem rumo certo,
 Olhei o pampa deserto
 E o céu fincado no chão,
 Troquei as rédeas de mão,
 Mudei o pala de braço
 E vi a lua no espaço
 Clareando todo o rincão.

(43) **PAGO** (BRAS) *S.m.* - Lugar da campanha sul-rio-grandense que serve de referência à vida de um campeiro pampeano (SL). É o lugar de seu nascimento ou onde ele vive ou onde ele tem os seus afetos (RG) [voc. us. c/PLAT: *pago* (VCOR, NVCR, PV RC)]. O mesmo que →querência (BH, DS, EC, JH, AD, JV, AF, SL, DA, RG, FP, FE). (SCHELEE, 2019, p. 681)

(44) **QUERÊNCIA** (BRAS) *S.f.* - Lugar em que se nasce ou em que se vive; e no qual estão os maiores afetos de uma pessoa: ou sua casa ou seus parentes ou seus amigos ou seu trabalho (BH, AL, JH, AF, SL, RG, FP) // P.ext. – Lugar em que certos animais se acostumam a viver e a neles permanecer, instintivamente. (SCHELEE, 2019, p. 760)

(45) **AQUERENCIAR(-SE)** (PLAT) *Tr.dir.* - Habituar pessoa ou animal a conviver em determinado espaço. // Estabelecer alguém em um →pago [acep. n/d.]. // P. - Acostumar-se (animal ou pessoa) a um lugar ou a uma companhia (HA, SL). AME: *aquerenciar(se)* (NVCR). (SCHELEE, 2019, p. 760)

(46) Conforme informações da Wikipédia, João da Cunha Vargas (1900 – 1980) nasceu no município de Alegrete, Rio Grande do Sul, região de extrema conexão com o contexto ganadeiro e pampeano. De origem simples e de pouca instrução, guardava suas poesias de memória e publicou apenas um livro póstumo, cujos poemas foram ditados a familiares ou transcritos a partir de registros de suas declamações feitos em fitas cassete. Vitor Ramil musicou diversas de suas poesias, em especial, as gravadas no álbum “Délíbab”, lançado em 2010.

E a trotezito no mais,
Fui aumentando a distância
Deixando o rancho da infância
Coberto pela neblina;
Nunca pensei que minha sina
Fosse andar longe do pago
E trago na boca o amargo
Dum doce beijo de china.

(...) (...)

Falam muito no destino,
Até nem sei se acredito,
Eu fui criado solito,
Mas sempre bem prevenido,
índio do queixo torcido,
Que se amansou na experiência.
Eu vou voltar pra querência,
Lugar onde fui parido. (VARGAS, s.d.; s.p.)

O pampa deserto; o aumento da distância; deixar o rancho da infância; a sina de andar longe do pago; o destino de ser criado sozinho... O conflito entre envolvimento-passionalidade (Querência) e distanciamento-fatalismo (existência *Gaúcha*), permeado por um processo de formação que permite a incorporação de habilidades peculiares, permite-se resolver num “amansamento prevenido”, o qual entendemos como mediação promissora no equilíbrio cognitivo entre proximidade e distância.

Arquétipo *Gaúcho*: considerações finais

Gaúcho – agora na grafia e vocalização da língua portuguesa – é um dos gentílicos, senão o principal, para aqueles que nascem no estado brasileiro do Rio Grande do Sul.

Se assim o é; e se eu – que escrevo estas reflexões – nasci e ainda resido em Pelotas, uma cidade do Rio Grande do Sul que possuiu intensas conexões com as riquezas ganadeiras do Pampa através da produção de charque (ao longo do século XIX e princípios do XX), por que tenho preferido adotar a palavra em sua pronúncia e grafia espanhola? *Gaúcho*?

Não pretendo responder essa questão me somando aos debates sobre a origem da palavra, pois existiram e ainda existem estudiosos muito mais habilitados para este debate, no qual apenas tenho condições de aderir a uma ou outra corrente, sem agregar nada aos argumentos e demonstrações já constituídas.

Justifico minha opção por compreender que, historicamente, foi nos territórios coloniais-hispânicos (não obstante algumas contribuições de ações de grupos humanos oriundos das partes lusas) que emergiu a experiência *Gaúcha* e, também neles, mesmo depois das independências, que ela com proeminência se dinamizou, desenvolveu-se e se desenrolou por completo em suas diferentes fases: vaqueria, guerra e pastoreio.

Isto não significa negar a existência de um Rio Grande do Sul *Gaúcho*. Por certo ele existiu e existe, em especial no que se refere aos modos de vida das, ainda hoje, regiões de pecuária e de fronteira com Argentina e Uruguai. A existência *Gaúcha* faz parte indissociável da formação sul-rio-grandense, mas matizada pelo fato do Rio Grande do Sul – como parte dos territórios do Reino de Portugal, depois Império do Brasil – ter operado não uma diáde nos processos de reconhecimento e valorização do *Gaúcho* – ou seja: *Gaúcho* versus Não *Gaúcho* –, mas sim uma complexa tríade: *Gaúcho* – Não *Gaúcho* – Português/Brasileiro.

Cientes, como já estamos, de que o termo é inicialmente usado como denominação depreciativa de homens e grupos que atuam de forma a atentar aos interesses daqueles que detêm o poder oficial, tendo seu uso documentado pela primeira vez na Banda Oriental (atual Uruguai) ainda no século XVIII, através dos historiadores também se sabe que foram nos bélicos e sangrentos períodos de reorganização do poder político na região hispânica, após as declarações de independência da Coroa Espanhola, que caudilhos ressignificaram o termo para arregimentar simpatizantes e soldados em torno de seus interesses.

Além de José Gervásio Artigas, na Banda Oriental (Uruguai), destaca-se nesse processo Martín Miguel de Güemes, em Salta. Esta, fundada em 1583, era uma importante e estratégica cidade na rota entre Buenos Aires e as minas de prata de Potosí, sobretudo quanto ao comércio de mulas, animais indispensáveis nas regiões mineradoras. Salta era, ainda em relação ao Vice-Reino do Rio da Prata, capital da Intendência de Salta do Tucumán, depois se tornou capital da Província de Salta, região noroeste da Argentina (MATA, 2012).

A peculiaridade de Güemes é que, no processo de organização e comando de milícias provinciais para lutar contra a reação da Espanha em relação à independência de seus territórios sul-americanos, desde 1814 ele passou a denominar suas tropas valorizando explicitamente o elemento *Gaucha*. Culminou tal processo a criação, em setembro de 1815, da *División Infernal de Gauchos de Línea* (MATA, 2012, p. 866).

As ações de Güemes, assim como as de Artigas, não foram aceitas sem resistências de partes das elites e de outros revolucionários. Contudo, passado o período de maiores beligerâncias e de desorganização política, permitiram que aos *Gauchos* se associasse a imagem de valentes e valiosos homens de libertação da pátria.

Nos territórios hispânicos do Rio da Prata pode-se dizer, então, que os *Gauchos* tanto foram um problema interno como, depois, uma solução interna. De insubmissos predadores, de vagos de pouco valor, passaram a ser libertadores e heróis.

Já para a ótica portuguesa e brasileira do período o *Gaucha* é, antes de mais nada, um estrangeiro e um bárbaro.

Saint-Hilaire, que por estar em viagem pelo Brasil inclui em seu trajeto a Província Cisplatina (a Banda Oriental, o Uruguai anexado ao Brasil), assimila e reproduz tal percepção.

Em 16 de outubro de 1820, próximo à atual Punta Del Este (Uruguai), escreve: “Estes homens sem religião e sem moral, a maior parte índios ou mestiços, que os portugueses designavam sob o nome de *Garruchos* ou *Gaúchos* (...)” (2012, p. 170); Já em 11 de janeiro de 1821, tendo contornado praticamente todo o território uruguaio, pois que próximo à atual cidade de Salto, na costa do rio Uruguai, e acessado diversos acampamentos militares portugueses, faz comparações entre os soldados paulistas e os naturais do Rio Grande: “Os homens da Capitania do Rio Grande têm a aparência mais varonil que os das outras capitanias; são mais militares, porém, menos corteses, menos simpáticos; há mais rudeza em suas maneiras” (2012, p. 263). Complementa sua observação com concepções bastante racistas, já que atribui superioridade aos nativos de origem portuguesa em relação aos espanhóis, “porque a maior parte dele é branca de raça pura” (2012, p. 263), e sentencia: “Se deixarem os habitantes do Rio Grande entrar em contato com os índios, e se negligenciarem a educação moral e religiosa deles, em breve não passarão de gaúchos” (2012, p. 263).

Sete dias mais tarde, volta ao tema das preocupações eugênicas, comentando relacionamento das índias guaranis com os soldados portugueses:

Mas o que há de aborrecido é que os filhos nascidos dessas uniões transitórias serão necessariamente abandonados pelo pai e mal educados, porque o serão pelas índias e assim se parecerão com os gaúchos espanhóis e, pouco a pouco, a raça branca degenerar-se-á na Capitania do Rio Grande. (SAINT-HILAIRE, 2012, p. 277)

No Rio Grande do Sul a valorização do Gaúcho, como demonstra Tao Golin (1983), insere-se num processo de ressignificação ideológica por parte de uma oligarquia latifundiária, o qual ganha impulso com o advento da república e com as disputas políticas das primeiras décadas deste regime.

Cabe lembrar que foi no território sul-rio-grandense, entre 1835 e 1845, que se sustentou a mais longa guerra separatista no período imperial (a chamada Revolução Farroupilha).

Esta guerra emergiu sustentada por lideranças e interesses intimamente conectados com a exploração econômica da riqueza advinda do gado e com o poder político nas regiões de fronteira do Rio Grande do Sul com províncias argentinas e com o Uruguai (emancipado politicamente em 1828).

Não se tratou de uma guerra de Gaúchos contra Imperiais (como alguns pretendem fazer crer), pois que o termo ainda era de uso pejorativo na época e nesta região. Trata-se, entretanto, de uma guerra que envolveu, sobretudo como soldados, homens com experiência e vivência *Gaúcha* porque homens das regiões mais ganadeiras da então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Posteriormente, numa operação similar a viabilizada pelas ações de Güemes, o termo foi ressignificado na perspectiva de que conferia uma identidade de valor, independência e potência política. Ser Gaúcho, portanto, permitiu e ainda permite demarcar, mesmo que simbolicamente, uma singularidade política dos sul-rio-grandenses em relação ao Brasil; sentido de valor de independência e distinção em relação aos demais brasileiros.

De certa forma os sul-rio-grandenses, na ânsia de demarcar politicamente sua distinção simbólica em relação ao restante do Brasil, usurpam o *Gaúcho* dos contextos (históricos, sociais, culturais) que lhe são próprios – contextos que não abarcam a totalidade do Rio Grande do Sul – e, ao transformarem esse termo no seu gentílico, menos homenagearam o *Gaúcho* histórico e mais contribuíram para a produção de estereótipos e caricaturas.

É possível que uma percepção similar a nossa tenha sido a que motivou Érico Veríssimo, em *O Tempo e o Vento*, elaborar uma história sul-rio-grandense muito mais plural – em etnias e culturas – do que aquelas que estavam (e algumas ainda estão) centradas no imaginário do Gaúcho Heroico: aquele que seria o alfa e o ômega do orgulho e do desejo de ser sul-rio-grandense.

Tais considerações, portanto, são a base de minha opção: o Arquétipo *Gaúcho* merece que a ele se refira – em grafia e pronúncia – de um modo que sua existência e seus contextos históricos sejam valorizados ao máximo. Tal valorização – mesmo que em absoluto não deixe de ocorrer – não se realiza com plena intensidade quando a ele nos referimos através da grafia e vocalização do termo no idioma português. É minha compreensão, convicção e opinião.

Esclarecido este aspecto, podemos avançar nas sínteses que nossas reflexões permitem, em termos da identificação de um Arquétipo *Gaúcho*, com vistas a atitudes cognitivas.

No primeiro momento procuramos depurar os imaginários, os estereótipos, as caricaturas, para identificar um *Gaúcho* de referência. Este, portador dos elementos e características sócio-históricas presentes tanto nos homens das vaquerias, nos insubmissos depredadores, nos soldados das fronteiras e das revoluções, nos tropeiros, vaqueanos, peões e capatazes de estância, sem que qualquer uma dessas (ou outras possíveis) expressões concretas se sobreponha às demais como essência ou modelo.

Identificamos esse *Gaúcho* de referência como: homem campeiro, especializado nas lides pastoris, com existência histórica no Pampa ao longo dos séculos XVIII e XIX; sempre marginalizado ou subalternizado pela ordem social dominante, que associou sua sobrevivência às atividades de exploração das riquezas do gado, contando com sua destreza no manejo dos instrumentos, práticas e técnicas que possuía e desenvolvia, bem como com o conhecimento acumulado acerca daquilo que lhe era de imediata pertinência – o território, a natureza e o gado – para fins de sua valorização e reconhecimento social.

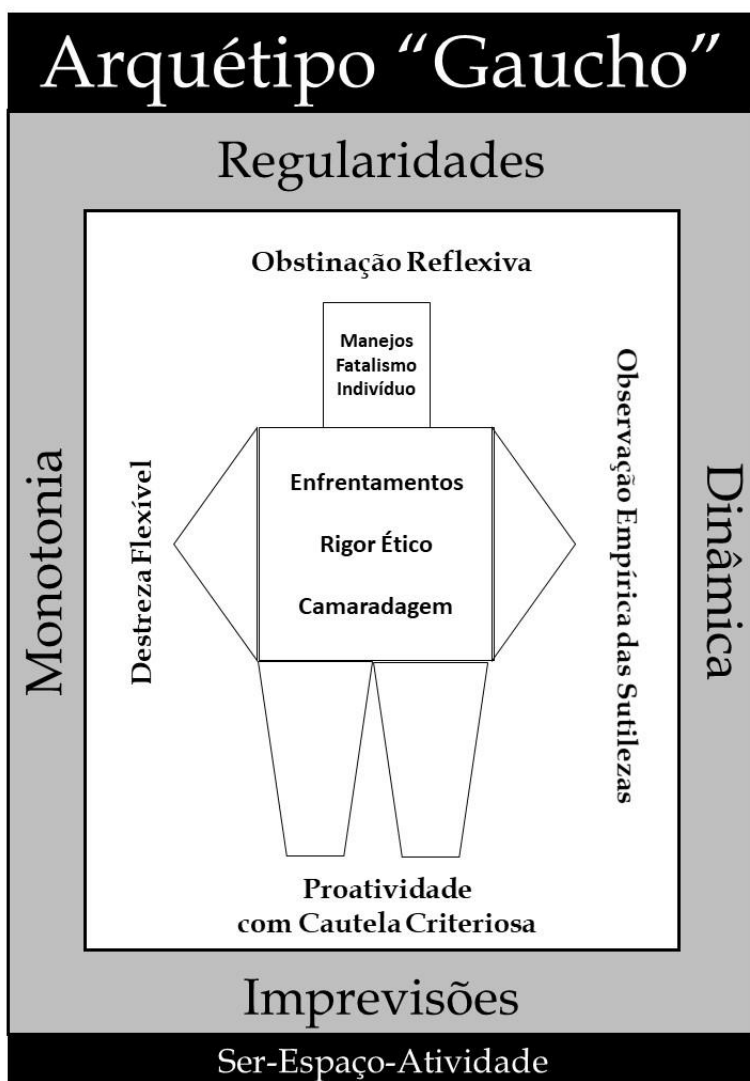
Na sequência tratamos do Pampa, pois que território no qual emergiram e atuaram os *Gaúchos*. Tão indissociáveis são estes, que concordamos com Assunção (2011), ao considera-lo um **homem-espaço**.

Quanto ao Pampa, foi-nos possível compreendê-lo como vastidão de regularidades e de informações. Contexto que exige atenção de quem nele transita para a percepção de indícios e rastros, bem como que faz do acúmulo de experiências condição para o conhecimento de seus marcos e sutilezas.

Retornando aos *Gaúchos*, identificamos elementos de moralidade e psicossociais: destemor aos desafios; ética do compromisso; camaradagem; além de manejos das fatalidades e do individualismo.

Por fim, avançando sobre a compreensão de que o *Gaúcho*, para além de **homem-espaço**, só pode ser compreendido de modo mais completo como **homem-espaço-atividade**, identificamos, a partir de um conjunto de quatro atividades que são paradigmáticas no curso da exploração econômica das riquezas do gado no Pampa, complexos de habilidades requeridas e desenvolvidas pelos *Gaúchos* num contexto que é monotonia-dinâmica e regularidade-imprevisões, ou seja: destreza flexível; obstinação reflexiva; observação empírica das sutilezas; e, proatividade com cautela criteriosa.

Com base nestas sínteses, sustentamos que o Arquétipo *Gaúcho* se constitui como um ser-espaço-atividade emoldurando por um quadro que se compõe de monotonias, regularidades, dinâmicas e imprevisões; suas ações têm por base sua proatividade com cautela criteriosa e por diretriz intelectual a obstinação reflexiva, desenvolvendo-se através de práticas pautadas em destrezas flexíveis e observações empíricas das sutilezas. Seu código moral envolve o destemor aos desafios, a ética do compromisso e a camaradagem, não obstante seu espaço-atividade lhe exija sofisticar disposições psicossociais de manejos de fatalidades e de individualismos.



Assim figurado, o Arquétipo *Gaúcho* é modelar para atitudes cognitivas exigidas pela ciência.

Os campos do conhecimento são repletos de regularidades e imprevisões, conduzem às monotonias tanto dos métodos, como dos fenômenos, os quais igualmente são dinâmicos. A falta de proatividade e o temor aos desafios em relação às tarefas árduas em resistências físicas e mentais paralisam o processo do conhecimento. Mas a proatividade incauta e sem critérios raramente viabiliza um conhecimento válido. É a obstinação reflexiva, a destreza flexível e a observação empírica das sutilezas que potencializam as descobertas e desvelamentos científicos. Éticas de compromisso e camaradagem conduzem o respeito aos dados, às fontes, à comunidade científica e à sociedade; conduzem também ao trabalho em redes e à socialização do conhecimento. Manejos das fatalidades e do individualismo são exigências para lidar com a frustração, com a incompletude cognitiva imposta pela complexidade do mundo material, cultural, social, físico etc., bem como com as impotências, sucessos, angústias, alegrias próprias e coletivas.

O Arquétipo *Gaúcho* – para além das relações aqui realizadas – abre um amplo campo de reflexões para atitudes cognitivas a serem assumidas, exercitadas e desenvolvidas. Mas isto é tema para reflexões posteriores. As de agora, já cumprem seu objetivo epistemológico: criar um horizonte no qual, mesmo que seja difícil encontrar onde fixar o olhar, saibamos que existem sutilezas a serem buscadas.

Referenciais Bibliográficos:

AMEGHINO, Eduardo Azcuy; BIROCCO, Carlos María. As colônias do Rio da Prata e Brasil: geopolítica, poder, economia e sociedade (séculos XVII e XVIII). In: CERVO, Amado Luiz; RAPOPORT, Mário (orgs.). História do Cone Sul, Rio de Janeiro, Revan; Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 11-76.

ASSUNÇÃO, Fernando O.. Historia del Gaucho. El gaucho: ser y quehacer. Buenos Aires: Claridad, 2011 (Dispositivo Kindle).

BARRÁN, José Pedro & NAHUM, Benjamín. Bases económicas de la revolución artiguista. Montevideo, La Banda Oriental, 2012.

BARRIERA, Darío G.. Abrir puertas a la tierra: microanálisis de la construcción de un espacio político: Santa Fé, 1573-1640. Santa Fé, Ministerio de Innovación y Cultura de la Provincia de Santa Fé, Museo Histórico Provincial Brigadier Estanislao López, 2013.

BRANCO, Natieli Luiza. Dicionários regionalistas e espanhóis e seu verbete “gaúcho”. Estudos Linguísticos, São Paulo, 43 (3), p. 1261-1271, set-dez 2014.

CORTESÃO, Jaime. O território de Colonia do Sacramento e a formação dos Estados Platinos. Revista de História, 17, p. 135-165, 1954.

ELIAS, Norbert. Envolvimento e alienação. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

ELIAS, Norbert. Compromiso y Distanciamiento. Barcelona: Ediciones Península, 1990.

FORTES, Amyr Borges; WAGNER, João Baptista Santiago. História Administrativa, Judiciária e Eclesiástica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1963.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. Homens Livres na Ordem Escravocrata. São Paulo: UNESP, 1997

FUCÉ, Pablo. El Real de San Felipe y Santiago de Montevideo (1724-1749): plaza y flerte de los Borbones en la afirmación de la conquista de la Banda Oriental. Anuário del Instituto de Historia Argentina, 17, 2, p.1-23, 2017.

GINZBURG, Carlo. Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

GOLIN, Tau. A ideologia do gauchismo. Porto Alegre: Tchê, 1983.

GÜIRALDES, Ricardo. Dom Segundo Sombra. Porto Alegre: ardotempo, 2011.

ISABELLE, Arsène. Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006.

LAYTANO, Dante de. Origem da propriedade privada no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

LUGONES, Leopoldo. Prefácio “Dom Segundo Sombra”. In: GÜIRALDES, Ricardo. Dom Segundo Sombra. Porto Alegre: L&PM, 1997 (Dispositivo Kindle).

MACCANN, William. Viaje a caballo por las provincias argentinas. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/2fe4/878ded2a1f1038cdcfb823694b7cf96bd2c9.pdf?ga=2.151191033.1599198826.1586275349-706685818.1581440162> . Acesso em 07 de abril de 2020 (descarregado em PDF).

MATA, Sara Emilia. Los Gauchos de Güemes: Guerra de Independência y conflicto social. Buenos Aires: Sudamericana, 2012 (Dispositivo Kindle).

MMA (Ministério do Meio Ambiente). Pampa. Disponível em <https://www.mma.gov.br/biomas/pampa.html> acesso em 16 de março de 2020.

MOLAS, Ricardo E. Rodriguez. História social del gaucho. Buenos Aires, CEAL, 1982.

MOLAS, Ricardo E. Rodriguez. Antigüedad y significado histórico de la palabra gaucho (1774-1805). Boletín del Instituto de Historia Argentina “Doctor Emilio Ravignani”. Buenos Aires, Año I, Tomo I (2 da série), N°1-3, 1956.

MORIN, Edgar. Ciência com Consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

RAMIL, Vitor. A estética do frio. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto (coords.). Nós, os gaúchos. Porto Alegre: UFRGS, 1992, pp. 262-270.

RAMIL, Vitor. A estética do frio: conferência de Genebra. Porto Alegre: Satolep, 2004.

ROCHA, Carlos Alberto de Macedo Rocha, Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa. Rio de Janeiro, 2011.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem ao Rio Grande do Sul. Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial, 2012.

SCHLEE, Aldyr Garcia. Dicionário da Cultura Pampeana Sul-Rio-Grandense. Pelotas: Fructos do Paiz, 2019. 2v. (992 p).

VARGAS, João da Cunha. Deixando o pago. Disponível em:
<http://www.paginadogaucho.com.br/poes/jcv-dp.htm>

VERISSIMO, Érico. O Tempo e o Vento (parte 1) – O Continente (vol. 1).
São Paulo: Companhia das Letras, 2004a (Dispositivo Kindle).

VERISSIMO, Érico. O Tempo e o Vento (parte 1) – O Continente (vol. 2).
São Paulo: Companhia das Letras, 2004b (Dispositivo Kindle).

Índice Onomástico:

A

Ameghino, Eduardo Azcuy – 26
Artigas, José Gervasio – 31, 58
Assunção, Fernando O. – 12, 15,
16, 21, 25, 27, 39, 40, 44, 47, 61
Azara, Félix de – 47

B

Barrán, José Pedro – 27
Barriera, Darío G. – 26
Birocco, Carlos María – 26
Branco, Natieli Luiza – 15

C

Cortesão, Jaime – 12, 26

D

Daireaux, Emilio – 28

E

Ebelot, Alfredo – 46
Elias, Norbert – 53

F

Fortes, Amyr Borges – 50
Franco, Maria Sylvia de Carvalho –
34
Fucé, Pablo – 26

G

Ginzburg, Carlo – 53
Golin, Tau – 33, 59
Güemes, Martín Miguel de – 58, 60

Güiraldes, Ricardo – 5, 16, 17, 18,
25, 33, 35, 41, 46, 48, 49, 51, 52

H

Hernandez, José – 35, 39, 47

I

Isabelle, Arsène – 22,23,31,32

L

Laytano, Dante – 27
Lugones, Leopoldo – 37

M

MacCann, William – 23
Maciel, Santiago – 35
Mata, Sara Emilia – 58
Molas, Ricardo – 15, 27, 28
Morin, Edgar – 6

N

Nahum, Benjamín – 27

P

Parras, (Frei) Pedro José de – 40

R

Ramil, Vitor – 5, 54
Rocha, Carlos Alberto de Macedo –
50
Rosas, Juan Manuel de – 32

S

Saint-Hilaire, Auguste de – 23, 24,
31, 58

Schlee, Aldyr Garcia – 5, 11, 14,
15, 16, 17, 24, 30, 33, 35, 36, 37,
39, 40, 41, 42, 44, 45, 49, 50, 51,
52, 54
Simões Lopes Neto, João – 51, 52

V

Vargas, João da Cunha – 54
Veríssimo, Érico – 49, 50, 51, 60
Vidal, Emeric Essex – 44

W

Wagner, João Baptista Santiago –
50

Índice Remissivo:

C

Camaradagem – 23, 33-34, 61-63

Caudilho(s) – 30-32; 58

Cautela – 52-53, 61-62

Changador – 15

Cisplatina – 23-24; 58

D

Destreza – 5, 16, 18-19, 32, 33, 45, 53, 61-63

Dinâmica – 41, 45, 61-62

Distanciamento-envolvimento – 53-55

E

Epistemologia do Frio – 5

Estética do Frio – 5

F

Fatalismo – 35, 37, 53-55, 62

Fronteira – 12, 18, 26, 28, 57, 59, 61

G

“Guacho”

Arquétipo (síntese) – 62

Definições – 5, 15, 18

Processo de formação – 17, 48-51, 55

Soldado – 14, 31, 32, 33, 58-60

Gaudério – 15

H

Homem-espaço / Homem-espaço-atividade – 25, 44, 61

Hospitalidade – 23

I

Imprevisões – 41, 45, 61-63

Individualismo – 35, 37, 61-63

L

Latifúndio – 27-28

M

Martin Fierro – 35, 37

Melancolia – 5, 23, 25, 27

Monotonia – 22-25, 45, 46, 62-63

O

Observação empírica das sutilezas – 46, 51, 61, 63

Obstinação-reflexiva – 46, 51, 53, 61, 63

P

Pago – 54

Palavra empenhada – 33

Pampa

Bioma – 12, 21-22

Espaço “Gaucho” – 5, 12-13, 21-28, 44, 61

Pampa (contin.)

Relatos de viajantes – 22,
23, 24

Significado – 22

Pastoreio – 16, 39, 44

Provatividade criteriosa e cautelosa
– 53, 61-63

Q

Querência – 54

R

Rastreio – 46-47

Reflexividade – ver: Obstinação-
reflexiva

Regularidades – 25, 45-46, 62

Rodeio – 14, 39, 40-44

T

Terrateniente ausentista – 27

Território de Sacramento – 12

Tropear/Tropeada – 5, 14, 16, 17,
33, 35, 39, 42-43, 48

V

Vacarias – 12, 14

Valentia – 33, 51

Vaqueria – 14, 15, 27, 39, 40, 45,
53, 61



Asunción.

Paraguay

La Provincia entabola
la Bandera Tricolor.

29-V-1816.



Avellaneda
24-IV-20

El Distrito de la Patena
Juan
Y. Provincia de la Libertad
2-1-1818

Barrancas
Punta Encarnación.

A de la China
23-VI-1815.

La Provincia Oriental
entabola
la Bandera Tricolor.

El Labio provincia a
Reliques
Provincia de los Rios del Sur
22-V-1817

Buenos Aires
30-IV-1815

la Plata



Océano

Atlántico



(...) voltamos a cair em nosso ritmo contido e obstinado:
Caminhar, caminhar, caminhar.

(Ricardo Güiraldes, *Don Segundo Sombra*)



Slow Science
Artesanato Intelectual
BogoChies Editor

<https://bogochies.wixsite.com/meusite>